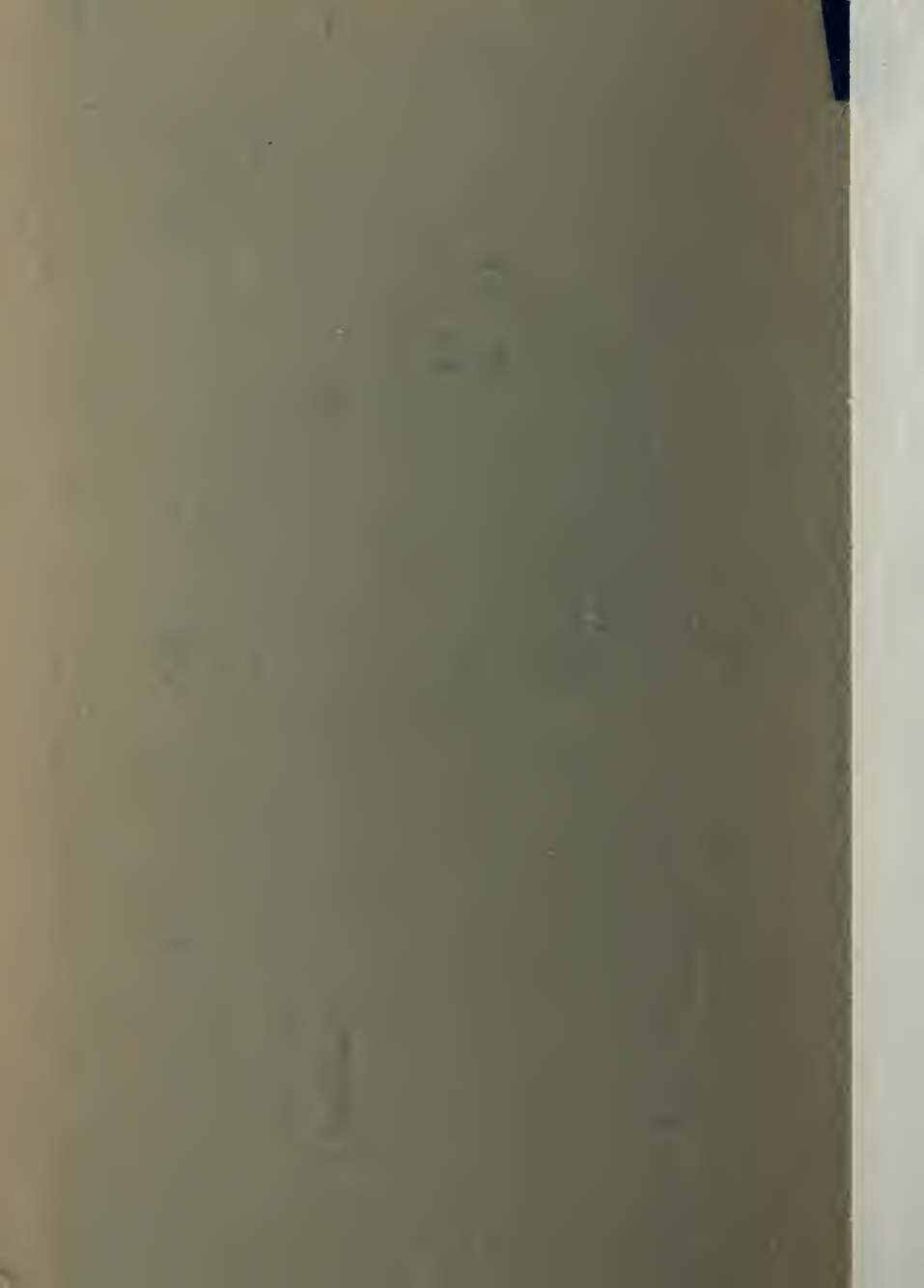
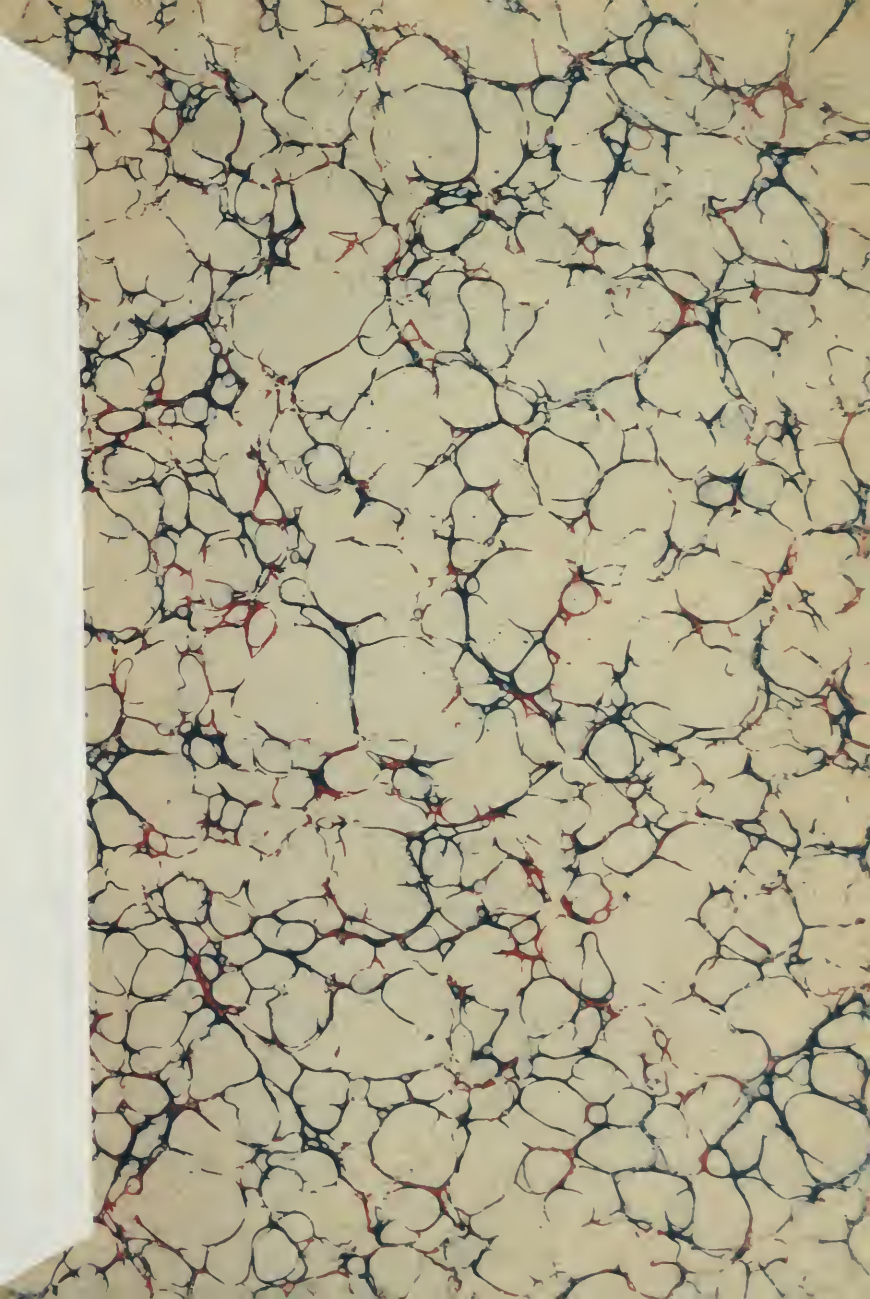
imenta de Aguiar, Manuel
aetano
D. João I

D. JOÃO I.

T R A G E D I A.

P O R

MANOEL CAETANO PIMENTA DE AGUIAR.

L I S B O A:

NA IMPRESSÃO REGIA.

ANNO 1817.

Com Licença.

ARGUMENTO.

QUASI no fim do XIV seculo se vio Portugal ameaçado de perder a sua existencia politica, que com tanta gloria havia sustentado desde o meio do XII, debaixo do heroismo de seu fundador, e dos Augustos Monarchas que lhe succedêrão.

D. Fernando, IX Rei de Portugal, casou sua unica filha a Infanta D. Brites com D. João Rei de Castella, contra a vontade da Nação, que presagiava neste consorcio as mais funestas consequencias, as quaes se verificárão por morte de D. Fernando.

Nomeou este, em seu testamento, a sua mulher, a Rainha D. Leonor, Regente do Reino, em quanto sua filha não tivesse descendencia, pois se tinha estipulado, tanto no tratado de paz, como no contracto do casamento, que o primeiro filho viria para Portugal, e seria acclamado Rei.

Porém o ambicioso Rei de Castella quiz, logo depois da morte de D. Fernando, fazer acclamar sua mulher, Rainha de Portugal, e desta sorte completar a absurda politica de seus antecessores.

A Regente do Reino, instada pelo amor maternal, ameaçada pelas armas de Castella, seduzida pelos perfidos conselhos de seu particular

favorecido, João Fernandes Andeiro, Conde de Ourem, Castelhano de Nação, e por alguns Fidalgos, que apoiavão illudidos esta atroz maquinação, entrava como parte essencial nas vistas de seu genro.

Para darem rapido impulso a este projecto, convierão, que logo depois das exequias do Rei, fosse solemnemente acclamada D. Brites, Rainha de Portugal, como legitima successora de D. Fernando. Verificou-se este acto escandaloso, porém como nelle se offendia a lealdade e brio Portuguez, houverão tantos tumultos populares, principalmente em Lisboa, Santarém, e Elvas, que os que lancavão os pregões forão obrigados a fugir, para salvarem as vidas, ameaçadas pela indignação do Povo.

Conhecendo a Regente a opposição nacional, guardou para tempo mais opportuno o que anciosamente appetecia.

Em Toledo se fizerão acclamar o Rei de Castella e sua mulher, senhores de Portugal.

Tinha o Throno Portuguez legitimos herdeiros nos Infantes D. João, e D. Diniz, filhos de D. Pedro I. e da infeliz D. Ignez de Castro; porém o Rei de Castella, tanto que soube da morte de D. Fernando, para destruir os obstaculos que se oppunhão á sua ambiciosa usurpação, debaixo do pretexto de alguns excessos criminosos, os metteo em segura prisão, onde acabárão seus dias tormentosos, e pouco regulares.

Restava com tudo hum heróe, destinado pela Providencia, para salvar a Náo do Estado, combatida das mais furiosas tempestades. D. João, Mestre de Avís, filho natural de D. Pedro I. e irmão de D. Fernando, por suas brilhantes qualidades era o idolo da Nação. Possuia em alto gráo o valor, a prudencia, a justiça, a liberalidade, e todas as virtudes dignas do Throno. Vendo este nobre Portuguez, que o Rei de Castella fazia marchar para as fronteiras do Reino todas as suas forças, para apoiarem os pertendidos direitos de sua mulher; observando por outra parte, que a Regente, com dissimulação, cuidava pouco nos meios de defensa, e que entregue a suas fogosas paixões, só escutava os perfidos conselhos do Conde de Ourem; se determinou, instado por alguns Fidalgos, a matallo; o que executou na antecamera da Rainha, libertando desta maneira a sua Patria da influencia de hum Castelhano inimigo, que a tinha aleivosamente manchado, e queria levar á ultima ruina.

Posto que D. João visse o Reino abatido pela frouxidão do governo de D. Fernando, e pelas invasões de D. Henrique, acceitou na extremidade com resolução o honorifico titulo de Defensor do Reino, que por unanime voto da Nação lhe foi offerecido: titulo que desempenhou em toda a extensão, derrotando os Castelhanos em grandes, e desiguaes batalhas.

Algum tempo depois foi acclamado Rei de

Portugal, em cujo caracter, tanto na paz, como na guerra, obrou acções tão maravilhosas, que por imprescriptiveis direitos á nossa gratidão, será sempre saudosa a sua memoria entre os leaes Portuguezes.

ACTORES.

D. LEONOR, Regente do Reino, viuva de D. Fernando.
D. JOÃO, Mestre de Avís, filho natural de D. Pedro I., e irmão de D. Fernando.
JOÃO FERNANDES ANDEIRO, Conde de Ourem.
ANTONIO LOPES TEXEDA, Embaixador de Castella.
D. NUNO ALVARES PEREIRA.
D. JOÃO AFFONSO, Conde de Barcellos, irmão da Rainha.
ALVARO PAES, Chanceler Mór, nos reinados de D. Pedro I. e de D. Fernando.
D. CONSTANCIA } Damas da Rainha.
D. VIOLANTE }
RUY PEREIRA, amigo de D. João.
Fr. JOÃO DA BARROCA, Monge.

Criados.

A Scena se representa em Lisboa.

ACTO I.

SCENA I.

Sala de Alvaro Paes.

D. Nuno, e Paes.

D. NUNO.

SAGRADO amor da Patria, que despertas
Nos Lusos corações taes sentimentos,
Que fazem esquecer da vida o preço,
E desprezar sem susto a mesma morte!
Sim, meu querido Paes, ao jugo estranho
Não curva hum Portuguez o collo altivo.
Inda em nossas campinas stá fumando
O quente sangue dos heróes invictos,
Que sustentárão com valor sobejo
A gloria Nacional, e o nome Luso.
Ah! se agora arrojando as frias campas,
Que cobrem seus cadaver's, resurgissem
Os que nas ruas da infeliz Lisboa
Disputárão mortiferos combates
Contra o feroz Henrique, e aos Castelhanos
Fizerão conhecer, que não se abate
O genio Portuguez, elles dirião,

Meus filhos, que fazeis? A Patria treme
Afflicta, consternada! E vós imbelles
Deixais traçar os formidaveis planos
Da vossa escravidão! Nome odiado!....
Que entornas na minh'alma horror, e susto!....
Em Portugal teu germen não fecunda!....
Em quanto eu existir, com esta espada
Saberei defender a Patria e o Throno
De injustas pertenções, de jugo alheio.

PAES.

He preciso, Senhor, oppôr barreiras
A vicios e paixões, que sem rebuço
Nos querem devorar. Negra perfidia
Os povos não corrompe. Ainda ha pouco,
Quando soavão pelos ares vagos
De atroz acclamação funestos gritos,
Nos semblantes de todos se mostrava
Heroica indignação, e até quizerão
Sacrificar a seu resentimento
Os satellites vís, que executavão
Temerario projecto escandaloso.
A Regente do Reino he dominada
Por esse Castelhano audacioso,
Que gozando favores indiscretos,
Quer vender Portugal por preço infame
Da sua elevação. A seus caprichos
Indecorosos sacrifica affouto
O sangue Portuguez, e sempre ingrato
Ao paiz que lhe deo nobre existencia,
As loucas pertenções do Reino imigo

Auxilia e promove; he criminoso,
He de lésa Nação réo fementido;
Deve morrer; o publico socego,
A honra Nacional assim o exigem:
Se do Throno o poder da morte o livra
No cadafalso vil, hum braço heroico
O golpe descarregue, e livre a terra
De hum monstro, que desgraças só fumenta.

D. Nuno.

Dizes bem, caro Paes, mas o perverso
A quem segue o temor, que sempre assalta
Os corações onde se asyla o crime,
De comprados escravos marcha envolto,
E receoso, faz-se inaccessivel
Aos aproxes daquelles que não seguem
Seu depravado barbaro systema.
Da Regente o respeito os braços prende,
Essa predilecção, que o Povo odea
Como origem das suas desventuras,
Do publico rancor lhe escuda a vida.

Paes.

A salvação da Patria está primeiro
Que essas contemplações. Jámais se offende
O sagrado respeito á Magestade,
Quando se extingue hum monstro, que projecta,
Em seu louco furor, lançar cadéas
Em braços livres, corações nutridos
Na honra nacional, que nunca virão
Do frio medo esquallido semblante.

Porque esperamos mais? Nossas fronteiras
Estão ameaçadas. Já se escutão
Ao longe essas trombetas Castelhanas,
Que as esposas e mãis tem assustado.
Qual he nossa defensa? Que preparos
Se fazem p'ra suster hum Rei, que intenta,
Contra a fé dos tractados mais solemnes,
Invadir, dominar, dar leis a Povos,
Que estrangeiro senhor sempre odiárão?
Destas maquinações he chefe injusto
O vil Conde de Ourem, que em dia infausto
Chamou da Inglaterra o Rei Fernando,
E que illudido de traidor affago,
Incauto alimentou no proprio seio
A vibora sagaz, cujo veneno
Havia denegrir-lhe o nome e a fama;
E para consumar a vil perfidia,
Entrega Portugal, quasi indefenso,
Ao avido João. Quando medito
Nestas atrocidades, sinto ainda
Animar-se o vigor da verde idade,
E de heroicos desejos inflammado,
Quero a Patria vingar. Se o braço treme,
O firme coração jámais receia
O castigo de acção tão justa e nobre.

D. Nuno.

Teu zelo e teu valor conhece o mundo.
Em dois reinados, ambos tormentosos,
Foste empregado em publicos lugares,
Onde a honra e justiça assaz brilhárão.

Porém, amigo, as nossas circnmstancias
São espinhosas! Os cavados máres,
Que sem habil Piloto a Náo do Estado
Desmantelada sulca, são tão cheios
De asperrimos ecolhos, que o naufragio
Parece inevitavel! Só nos pode
Salvar prudente mão de hum nauta affouto,
Que pouco a pouco os máres vá sondando,
Té avistar ao longe o porto amigo.
Ninguem mais habil, mais capaz da empreza,
Que esse Heróe, que nas vêas lhe circula
Do Justiceiro Pedro o sangue honrado.
A Nação consternada as vistas lança
Sobre suas virtudes, quer chamallo
Para suster a Patria fluctuante,
Mas a sua modestia he quem lhe impede
Dos votos da Nação seguir o impulso.
Porém se persistir n'atrocidade
O Castelhano Rei, tendo em cadêas
A João e Diniz, filhos mimosos
Do mesmo Pai, e da infeliz belleza
Em quem foi crime amor ingenuo e puro,
Aonde a tyrannia alçando o ferro
Cortou no eburneo seio os doces laços
Do sagrado Hymeneo, da Natureza.
Se para saciar a sede antiga,
Sempre herdada de seus antepassados,
Quizer, injusto, barbaro, inhumano,
Pretextando fogosos desatinos,
Filhos da mocidade sempre inquieta,
A' morte condemnar quem lhe disputa

O Throno desejado; nós faremos
Ao que agora de Avís Mestre se chama
Acclamar como Rei! Nossa esperança
Se funda neste Heróe, guerreiro, e justo.
Então seu braço, vingador, terrivel,
Os perfidos punindo, a Patria amada
Ha de arrancar ás garras fementidas
Da cruenta ambição devastadora.
Eu mesmo levarei affouto a guerra
Ao terreno inimigo, alli plantando
Da nossa independencia heroico fructo.

PAES.

Não ha tempo a perder, se demorarmos
Nossos esforços, bem depressa a Patria
Esmagada será ao pezo enorme
Das Castelhanas armas. Sim, Dom Nuno,
Como amigo fiel, honrado, e nobre,
Por Defensor do Reino o Mestre acclama;
O Povo, que o adora, ha de seguir-nos
Na decantada empreza. Os seus receios
Dissipa de huma vez, mostra-lhe a gloria
Dos antigos Avós, essas promessas
Feitas por Deos nos campos alagados
Do sangue Mauritano, as ultrajadas
Frias cinzas do Irmão, essas cadêas,
Que os outros prendem, e que a Patria teme,
Huma vez que seu braço não defenda
O Reino, que inda póde pertencer-lhe.
Inflamma seu valor, accende n'alma
Da honra e do dever fogo sagrado.

Esse conspirador, que tem vendido
A injustas pertenções este terreno,
Que nossos Pais á força de seus braços
Invictos conquistárão, que profana
Com atrevida audacia o Throno, a Casa
De nossos Grandes Reis, oh ceos! eu bramo!
Seja de hum nobre ardor primeiro ensayo;
Com braço resoluto o golpe empregue
No peito fementido, dando ao mundo
Do Justiceiro Pai constante exemplo.

D. Nuno.

Honrado Portuguez, em mim confia.
Desta casa sagrada, em que se asyla
O brio nacional, faremos templo,
Aonde se consagrem puros votos
A' nossa independencia. Brevemente
O Mestre aqui será, nossos amigos
Juntamente viráõ. Tu, que conheces
O mal e o remedio, e que inflammado
Em nobres sentimentos pronuncias
Com energica voz altas verdades,
Move seus corações, que eu resoluto
Hei de a Patria salvar de eterno opprobrio,
Ou co'a espada na mão morrer com ella. (1)

(1) Vai-se.

SCENA II.

PAES.

AINDA ha esperança! Năo se apaga
Nos Lusos coraçŏes da honra a chamma!
Mil vezes a Naçăo tem sustentado
Em lances arriscados seus direitos.
Se agora a vil perfidia, audaz cobiça,
A querem devorar, seus caros filhos
Voando em seu soccorro os ferros quebrem,
Que a negra escravidăo tem preparado.
Se de muitos invernos abatido
Meu braço já fraquea, e mal segura
A cortadora espada, a voz, que anima
Amor, honra, dever, brio, virtude,
Dura guerra fará! Sempre aos Tyrannos
Est'arma foi fatal! Vamos minar-lhe
De cruenta ambiçăo louco projecto. (1)

---

(1) Vai-se.

SCENA III.

Sala Regia.

D. Leonor, Conde de Ourem, e Texeda.

TEXEDA.

As ordens de meu Rei são terminantes.
Bem me custa, Senhora, hoje causar-vos
Afflictivos desgostos, mas o estado
Em que está Portugal não me permitte
Mais tempo demorar-me: sou olhado
Com desprezo, e rancor. Os facciosos,
Que seus int'resses vís á sombra acolhem
Da triste Patria, que poupar devião,
Em seu louco furor já tem faltado
Ao respeito devido a meu caracter.
Ordena-me o meu Rei que me retire,
E deixe Portugal entregue á sorte
De hum paiz conquistado. Seus soldados
Victoriosos, cheios de coragem,
A's abertas fronteiras vem marchando.
Bem depressa os estragos, consequencias
De huma guerra funesta, ao Povo ensine,
Que indiscreta illusão o tem levado
Por cavillosas mãos ao precipicio.
O que a razão não faz, alcance a força.

D. Leonor.

Motivo inda não ha de hostil entrada,
Nem deves retirar-te. O Povo incerto,
Vacilla entre o direito disputado
De minha Augusta Filha, e leis dictadas
No campo da batalha por soldados,
Que ainda dos arnezes gotejava
O quente sangue dos vencidos Mouros.
Os fumos da victoria escurecêrão
As leis da successão sempre sagradas.
O meu respeito, a Regia Auctoridade,
Que o Rei me confiou quando expirava,
Tudo deve aplainar. Sempre a prudencia
Tira o melhor partido entre o combate
Das fogosas paixões. Vamos constantes
Seguindo o nosso plano. As fortes Praças
Façamos guarnecer por gente amiga,
E do Estado os óptimos empregos
A vassallos fieis só se confirão.
Desta sorte caminha, sem estrondo
Da furibunda guerra, a Filha amada
Ao Throno Paternal, onde o meu sangue
Desejo para sempre ver sentado.

Conde de Ourem.

Teu coração se illude. Os conjurados
Maquinão sem cessar. Esses tumultos
Suscitados em dia tão solemne,
Quando mandavas acclamar nas praças
A legitima herdeira ao Throno Luso

São fructos d'aversão e da perfidia,
Que intenta sublevar o Povo inerme.
Corações duros, vís enthusiastas,
Só a força subjuga. A lei das armas
He quem governa o Povo, quando intenta
O direito assumir que já não goza.
Que barreiras se oppõe, que resistencia
Esta altiva Nação hoje projecta?
Desguarnecidas Praças, mal formado
Exercito pequeno, que só vio
A guerra desastrosa, e que mil vezes
Já recuou diante das invictas
Castelhanas phalanges, he que apoia
Insensata revolta? Essa prudencia,
Com que queres reger hum Povo inquieto,
Por susto e timidez he contemplada.
A' medida que os dias vão correndo,
A audacia cresce, seu partido engrossa.
Dissipa de huma vez com braço heroico
O bando faccioso. As Castelhanas
Guerreiras tropas manda sem demóra
Este Reino invadir até Lisboa,
Ovantes marchem, sempre precedidas
Da morte e do terror. Nos cadafalsos
Os traidores expiem seus delictos.
Esse Mestre de Avís, chefe imprudente
Do funesto partido, em quem domina
Ambição de Reinar, seja a primeira
Victima atroz, que ao publico socego
Sacrifique a justiça. Assim, Senhora,
He que a ordem, e a paz, serão mantidas.

D. Leonor.

Sou Portugueza, e tenho dentro d'alma
Tal amor á Nação, que não quizera
Que o facho abrazador de horrivel guerra
A cinzas reduzisse o patrimonio
De huma Filha que adoro. Pouco a pouco
A mais embravecida tempestade
Vai serenando o tempo. Os meus favores,
Ganhando os corações, de todo apagem
Funesta prevenção. Alto respeito,
Politica estudada, tudo emprende.
O mesmo Mestre curva-se humilhado
A' Regia Magestade, recordando
Ainda com terror de Evora a Praça,
Onde afflicto gemeo entre as cadêas,
E bem pouco faltou p'ra ver da morte
O pallido semblante. Nesse tempo
Eu devia extinguir hum inimigo,
Cuja sombra fatal me enche de espanto.

Conde de Ourem.

O que então não fizeste agora acaba.
Esse traidor pertende ter direitos
Ao Throno Portuguez: sendo bastardo,
Quer despojar com frivolos pretextos
A legitima herdeira; este attentado
Merece justa morte. Os revoltosos
Filhos de Ignez, em asperas masmorras
Estão agrilhoados. Negros vicios
Para sempre do Throno os tem privado.

Só resta este inimigo, que fascina
Os olhos da Nação, que turbulento
Apoia os conjurados. Quer sentar-se
No Solio, de mil crimes rodeado;
E como os seus direitos vem do crime,
Que por elles subir ao Regio Estado.
Com a morte de hum só poupas mil vidas.
Extincto o chefe audaz, os outros tremem,
E se inda houver ondivago partido,
Seja por nossas armas dissipado.

D. Leonor.

Tempo agora não he de alçar o braço
A' severa justiça. O Povo espreita
As acções do Governo, e receoso,
Ao mais leve rumor daria impulso
A fogosas paixões que n'alma guarda.
Esse idolo fatal, que injusto adora,
Se pelas nossas mãos fosse punido,
Seria da carnagem, da desordem,
O terrivel sinal. As nossas vidas
Seguras não serião; nem pudera
Salvar-te o meu respeito á furia brava
Desse indomito monstro, quando perde
O freio que o sustem das leis do Estado.
Não julgueis que se apaga no meu peito
A vingadora chamma, mas conheço
A Nação que governo: os seus caprichos
De electrica materia são formados.
He forçoso poupar tudo o que pode
Accender a expulsão. Quando for tempo

A justiça, e a lei, serão vingadas.

TEXEDA.

Talvez que então, já tarde, te arrependas
Dessas contemplações. He quando nasce,
Que se deve cortar fatal progresso
A' tumida revolta. As nossas armas,
Espalhando o terror, aos facciosos
Farião reverter a seus deveres.
A justa acclamação seria acceita.
Exterminados, moitos os cabeças
Do partido odioso, o Povo inerme
Devia sugeitar-se ás leis da força.
Como ordenas, Senhora, eu me demoro;
Avisando o meu Rei dos teus projectos,
Que pode ser escute com desgosto,
E chame frouxidão essa prudencia.

D. LEONOR.

Ha muitos annos que sustento o peso
Dos publicos negocios, que manejo
As rédeas do Governo. Meu caracter
Conhece Portugal, conhece a Europa.
Não pertendo que reine o Genro amigo
Sobre ruinas, devastados campos
Alagados de sangue, entre cadaver's
Venha plantar seu Throno, e transformar-lhe
O mais bello paiz em Scythia inculta.
Os direitos que a guerra só transmitte
Sempre são odiosos, nunca os Póvos
Podem amar aquelles que lhes roubão

O que tem de mais caro, a justa herança,
Que a seus libertos Pais tanto custára.
São direitos legitimos, sagrados,
Que ao Throno Portuguez a Filha chamão,
E será justo que preceda a guerra
A' sua possessão? Que a Patria inunde
De fogosos soldados? Que destrua
Com atroz violencia aquelles laços
Que formão a harmonia entre os vassallos?
O Sob'rano, que verte por vingança
O sangue de seus Póvos, faz-se indigno
De sobre elles reinar. Mais hum pretexto
Terião os que negão seus direitos,
Se vissem que este Rei marchava á frente
De inimigos, que tem sempre assolado
O paternal terreno, que inda ha pouco
Luctavão braço a braço, disputando
Com antigo rancor sempre a victoria.
Este grande negocio delicado
Pertendo dirigir, e brevemente
Darei parte a teu Rei. Não te acceleres. (1)

---

(1) Vai-se.

SCENA IV.

Conde de Ourem, e Texeda.

TEXEDA.

As nossas prevenções nada pudérão!
Constante em seu systema esta Rainha
Quer sugeitar por meios mui suaves
Huma altiva Nação. Quanto se illude!
Seu natural orgulho he quem fumenta
Odioso partido. He só da força
Que está pendente o prospero successo.
Tu, que de perto gózas os favores
De hũa meiga affeição, sopra em seu peito
O fogo da vingança, aviva n'alma
Poderoso clamor da Natureza,
Accelera esta acção, que a recompensa,
Que o Rei te prometteo, talvez exceda
A esperança que tens della formado.

CONDE DE OUREM.

Vamos, amigo, pôr em movimento
As nossas molas, tudo se revolva!
A's mais vivas paixões se accenda o fogo,
Que produzindo effeitos espantosos,
Consigão nossos fins. E se a discordia,
Que do Mestre de Avís sustenta a causa,
Ainda progredir, meu braço heroico,
Gravando-lhe o punhal, extinga aquelle,
Que tempestades horridas suscita.

ACTO II.

SCENA I.

Sala do Palacio de D. João.

D. Jaão, Conde de Barcellos, e Ruy Pereira.

D. João.

He preciso marcharmos passo a passo
Pela espinhosa estrada; se a imprudencia
Nos fizer baquear, adeos amigos!
Adeos Patria infeliz! Quando medito
Nas vossas pertenções, sinto inflammar-se
Hum nobre ardor, e quero expôr a vida,
Para salvar o que ha de mais sagrado.
Porém quando os recursos se apresentão
Em quadro deploravel, quando vejo
As inimigas forças, que accommettem
As abertas fronteiras, que nas Praças
Só governão escravos Castelhanos,
Que o Povo, mal seguro, inda propende
Para essa Rainha que o affaga;
Bem me custa dizello, eu esmoreço,
E da Patria salvar perco a esperança.
Se na infeliz contenda a minha vida

Bastasse só á barbara vingança,
Já me tivera exposto, mas a quantos
Males crueis serião compellidos
Hum Povo que amo, meus leaes amigos,
Que generosos querem sustentar-me
Como escudo da Patria, em quem se fixão
As suas esperanças, seus esforços.
Vede pois que Castella já não guarda
Decencia, nem respeito. Leis injustas
Fizerão proclamar contra os que podem
Oppór-se a atroz cobiça. Os dois Infantes,
Dom Diniz, Dom João a quem pertence
O vago Throno, forão reputados
Indignos de reinar, talvez por crimes,
Que dantemão Castella preparara;
Deixando, cavillosa, o campo aberto
A's fogosas paixões da mocidade.
Em segura prisão os tem fechado
Ambicioso Rei, e se lançarmos
As vingadoras mãos ás fulminantes
Victoriosas armas, inda tinctas
Do sangue Castelhano, acerba morte
Os ha de separar do afflicto Povo,
Querendo sobre seus frios cadaver's
Negro Throno plantar a atroz perfidia.
Seriamente pensai nas circumstancias,
Que de todos os lados se accumulão,
E decidi, sem fogo arrebatado,
Que remedio terá hum mal tão forte.

Conde de Barcellos.

Já temos decidido, antes mil mortes,
Antes ver reduzida a Patria a cinzas,
Que receber o jugo de hum tyranno,
Que nos quer dominar trazendo a guerra.
Depressa se esqueceo desses tractados,
Que huma solemne paz acompanharão,
Desses ajustes que formárão base
Ao funesto consorcio, que motiva
Estragos e ruinas. Quem quebranta
Sagradas leis, juradas nos altares
Na presença de hum Deos Termendo e Justo,
Corações Portuguezes não governa,
E faz-se indigno de occupar seu Throno.
Onde está Primogenito, que havia
Entre nós educar-se, e ser eleito
Pela livre Nação por seu Sob'rano?
Todos os laços ficão desatados
Pela injusta aggressão. Somos senhores!
Podemos confiar nossa defensa
A quem quizermos, e sentar no Throno
Quem virtudes tiver para reger-nos.

Ruy Pereira.

Que a Nação não consente alheio jugo
Ha pouco vimos, quando compellidos
De hum nobre enthusiasmo se lançarão
Com justa indignação sobre os falsarios,
Que pertendião acclamar impunes
Rainha, que casando em Reino estranho

Por leis fundamentaes fica excluida.
Foi geral este impulso em toda a parte;
Coimbra, Santarém, Elvas, Lisboa,
No brio Portuguez rivalisárão.
Não queiras ser injusto inda pensando,
Que a Nação se divide em seus int'resses;
Hum geral sentimento anima os Póvos:
Esse fraco partido Castelhano
A' tua voz, qual nuvem sacudida
Dos rijos ventos se desfaz nos áres,
Dissipado será de igual maneira.

D. João.

Vossas persuasões, o amor da Patria
Meu primeiro dever, altos clamores,
Que em meu peito levanta a Natureza,
Reclamando os direitos da piedade
Por dois tristes Irmãos, que atroz cobiça
Opprime denodada, tudo excita
O sangue dos Heróes que em mim circula.
Sim Henrique Immortal, Invicto Affonso,
As virentes Palmeiras, que plantastes
Nos campos da Victoria, não se murchão;
O sangue Castelhano ha de regallas,
Se quizer desfructar a sombra sua.
Quando eu vir que a prudencia tem gastado
Conciliares providas maneiras,
E que inda a tyrannia embravecida,
Inchando as fauces, sópra cobiçosa
Desejos de reinar por modo injusto;
Então acceitarei vossas offertas.

No meio dessas praças de Lisboa,
Eu farei levantar triste estandarte,
Que o Povo commovendo ás armas chame.
Nelle serão pintados vivamente
Com negras cores, dois Irmãos afflictos,
Carregados de asperrimas cadêas
Pelas mãos da injustiça, que lhes rouba
Direitos de reinar. O grande nome
Acceitarei de Defensor do Reino;
E posto á frente da Nação briosa,
Que quer antes morrer, que ser escrava,
Com ajuda do Ceo, seguro espero
Repellir a aggressão, e dar á Patria
O sublime esplendor que tem gozado.

CONDE DE BARCELLOS.

Tu és nossa esperança. Se esse monstro,
Que em Castella domina, ousado intenta
Extinguir nossos Reis, p'ra ter direitos
Ao Throno desejado; em ti circula
O sangue que nasceo da mesma origem.
Defende valoroso a Patria afflicta
De estrangeira oppressão, que a recompensa
Talvez seja, Senhor, o mesmo Throno.
Queremos arriscar vidas, fortunas,
P'ar sustentar a nossa antiga gloria.
São os esforços meus tão generosos,
Qão estreitos os laços que me ligão
A essa ambiciosa audaz Rainha.
Filha de minha Irmã, fui satisfeito
De a ver Reinar no Throno Castelhano;

Porém nunca serei traidor á Patria,
Vendendo Portugal a seus caprichos.
O sangue, a Natureza, năo me illudem.
Eu nasci Portuguez antes que fosse
Parente afortunado e tăo conjunto
Dos dois Thronos, que agora se combatem.
Se de minha Sobrinha altivo Esposo
Se esquece dos tractados, eu me esqueço
De tudo o que nos liga, e só pertendo
A Patria defender, as Leis, e o Throno.

D. Joăo.

Amigo generoso! Homem que á gloria
Tens direito immortal! Teus sentimentos
Devem passar além do escuro imperio
Do Tempo estragador. Conheça o mundo,
Quando futuras geraçŏes gozarem
Da tua intrepidez o preço heroico,
Que no teu coraçăo teve mais pezo
O amor da virtude, que esses laços
Tăo caros aos mortaes, tăo poderosos
Nas almas que năo săo iguaes á tua.
Se a Fortuna trouxer dias risonhos
A nosso clima agora nubilado,
Tua acçăo, teu valor, tua constancia,
A's grandes recompensas tem direitos.

Conde de Barcellos.

Quem obra o seu dever tem satisfeito
A justa obrigaçăo. Sómente aos premios
Tem direito o que faz acçŏes sublimes.

SCENA II.

Os ditos, e D. Nuno.

D. Nuno.

Sou feliz encontrar-te entre huns amigos,
Cujo nobre caracter me affiança,
Que devem sustentar nosso partido;
Por isso não receio abrir meu peito
Nos braços d'amizade, e francamente
Expôr meu coração. Já não he tempo
De mais contemplações! Timidos sustos
Devem banir-se, e lançar-se ás armas
As vigorosas mãos! Este terreno,
Que nos vio nascer, já tem pisado
Do injusto João a tropa altiva.
Já nas fronteiras sôa a voz da guerra.
Horrisonas trombetas espalharão
O susto e o terror nos fracos Povos.
Senão marcharmos já, e destruirmos
Os que agora nos vem trazer a morte,
Bem depressa veremos inundadas
Nossas ferteis campinas de soldados,
Que marchão a ajudar a vil perfidia.
O Castelhano Rei, temendo o esforço
Dos bravos Portuguezes, não se atreve
Só por só combatellos. Tem formado
A mais injusta barbara alliança
Com Carlos, dos Francezes Rei demente.

Alguns corpos já tem entre as gargantas
Dos niveos Pyreneos atravessado.
He preciso acudirmos promptamente
A' salvação da Patria. Inda acharemos
Amigos generosos, que movidos
Do nosso heroico ardor prestem soccorros.
Ricardo valoroso, que hoje impunha
Da guerreira Inglaterra o Ceptro ovante,
Magnanimo esquecendo essas affrontas,
Que Fernando lhe fez com negro engano,
Já concluindo a paz, já dando a Filha,
Promettida a Duarte, a quem nos move
A mais terrivel sanguinosa guerra;
Armas, tropas, dinheiro, generoso
Nos ha de conceder. Desde os momentos
Da creação da nossa Monarchia,
Sempre nos ajudou nas lides duras
Esta grande Nação. Meu caro amigo,
Sem vacillar acceita o mais sublime
De todos os presentes, que hoje afflicta
A Patria te consagra. Nome Augusto!
Inda maior que Rei! O ser chamado
Do Reino Defensor, he mais heroico,
Que quanto pode appetecer o homem
Da gloria ambicioso! A' guerra vamos
Pois que a guerra nos quer fazer escravos.

D. João.

Quem me offerta esse titulo sublime
São amigos fieis de honra inflammados.
A Nação assustada inda vacilla

A qual partido deve propender-se.
Que faremos então poucos luctando
Até co'as proprias armas? Os horrores
De huma guerra civil enchem minh'alma
Do mais acerbo lugubre desgosto.
A prudencia, Senhores, me aconselha,
Que eu mesmo vá, atravessando os mares,
Solicitar os próvidos soccorros,
De hum amigo fiel, do Rei Britano.
A' minha voz su'alma commovida,
Fará marchar sobre cavados lenhos
Soldados valorosos, que já virão
A terra Castelhana. Então mais forte
Combatendo entre vós, talvez arranque
A's garras d'ambição a Patria mésta.

CONDE DE BARCELLOS.

Que disseste, Senhor! Cabe em teu peito
Projecto tão cruel? Queres deixar-nos
Sem chefe expóstos á brutal vingança
Do Castelhano Rei, que allucinado,
Em seu louco favor, de nossas vidas
Faria o mais horrivel sacrificio
A' sua usurpação? Quando alcançasses
De Ricardo fiel grandes soccorros,
Que farias então, achando o Reino
Já dominado pelo ferreo ceptro
Do altivo João? Teus bons amigos,
Que agora se te off'recem, quasi extinctos,
Ou pelo ferro vil de algoz cruento,
Ou em negras masmorras sepultados?

Só com força estrangeira he que pertendes
Reconquistar a nossa independencia?
Não, ingrato, deveres mui sagrados
Te ligão á Nação! Eu mesmo á frente
Deste Povo fiel, farei cortar-te
Os passos imprudentes! Teus direitos
Não queiras destruir, quebrando os laços
Da mais estreita intima alliança.

D. João.

Longe de mim idéas tão funestas!
Se quero expôr-me á furia embravecida
Dos mares sempre incertos, se supplico
Afflicto a protecção de hum Rei clemente,
He para repellir com mais recursos
A perfida aggressão. Meu forte apoio,
No heroismo intrepido se funda
Da guerreira Nação a quem pertenço.
Meu sangue he seu, e não recuso dar-lhe,
Se a união nos ligar, a propria vida.

D. Nuno.

Entrega sem temor a meu cuidado
Esta empreza, que julgas tão difficil.
Brevemente verás que o Povo exulta
No meio de seus males, vendo á frente
O sangue de seus Reis, que a sustentar-lhe
A nobre independencia marcha affouto.
Gritos de acclamação por todo o Reino,
Te farão conhecer que és adorado.
A' sombra de estandartes sempre invictos,

Verás correr alegre a mocidade.
Teu nome ha de assustar a opposta margem
Do turvo Guadiana, e a vil serpente
Com horriveis sibilos enroscando
O escamoso corpo, á cauda affére
Os venenosos dentes, espumando
De raiva, e de furor. Antes que a noite
Involva o claro Ceo em manto escuro,
Em hum lugar onde a prudencia habita,
E a Honra Nacional ergueo seu templo,
Devemos ajuntar-nos. Velho heroico,
A quem amor da Patria inflamma o peito,
Espalhando entre nós sabios conselhos,
A' nossa obrigação vai dar impulso.
De Alvaro Paes na casa sempre honrada
Devemos conferir. Muitos Janeiros,
Nos negocios politicos passados,
O tem habilitado a ver ao longe
A marcha dos successos. Conhecendo
O perfeito caracter Lusitano,
As mais sublimes gratas esperanças
Nos fará conceber, marcando a estrada,
Que devemos seguir na heroica empreza.

D. João.

Desse honrado varão a Fama conta
Illustres feitos, vive despresado,
Por não poder moldar su' alma nobre
Ao systema, que atroz hoje domina.
Approvo essa eleição; em poucas horas
Alli seremos juntos, seus conselhos,

De profundo saber longa exp'riencia
Mui sazonados fructos, nos aclarem
Na tenebrosa estrada, que os destinos
De povorosas nuvens tem coberto.

CONDE DE BARCELLOS.

Com gosto escutarei de hum velho honrado,
Que os annos da virente mocidade
Em assiduos estudos consumio,
Para a Patria servir de util maneira,
Os saudaveis conselhos. Em meus braços
Gostoso apertarei heróe, que ostente
Caracter Nacional, brio, virtude.

RUY PEREIRA.

A congresso tăo nobre, e tăo sublime,
Năo faltarei, Senhor; possăo clamores
Do consternado Povo achar asylo
Dentro em teu coraçăo, á Patria dando
O Grande Defensor, que ella reclama.

D. NUNO.

De nossos Sabios Reis o sangue heroico
Jámais se desmentio. He na tormenta,
Que do leme fiel apoderado,
Com semblante sereno o nauta encara
O rijo vento, as ondas espumantes,
Escuro Ceo, de quando em quando aberto
Pelo farpado raio, que troveja;
Com braço, que năo treme, ora comprime,
Ora affroxa o governo á náo que range,

E dest' arte seguro vai vencendo.
A lucta da convulsa Natureza.
Hum Reino que fundou a Mão do Eterno,
E que já declarou seu escolhido,
Não pode anniquilar a força humana.
Em quanto Portugal tiver hum filho,
Terá hum defensor de jugo alheio.
Vamos, amigos, nosso heróe não sabe
Aos deveres faltar de honrado e nobre. (1)

SCENA III.

D. João, *só*.

De todos os mortaes, que tem no mundo
Em tormentosas scenas figurado,
Eu certamente sou o mais oppresso
De pungentes cuidados, de remorsos,
Que sem cessar fogosos me accommettem.
Quando as vistas applico á Patria afflicta,
Vejo injusta Rainha seduzida
Por infame paixão, abrir a estrada
A's inimigas armas. Vejo o Reino,
Por estudadas maximas inerme,
A' tropa Castelhana abandonado.
As mal providas Praças dominadas
Pelo partido atroz. Vejo a ruina
Do Throno Paternal com gloria herdado.

---

(1) Vão-se os tres.

O perfido Joăo vir já marchando
A' frente de soldados, que desejăo
Vingar-se em Portugal do odio antigo,
Vejo por outra parte a Patria heroica
Querendo repellir com braço ousado
A barbara invasăo, chamando ás armas
Os filhos valorosos: quantos delles
Illudidos e fracos se somettem
Ao jugo Castelhano! A maior parte
Da inclita Nobreza quer oppôr-se
A' injusta pertençăo de hum inimigo,
Que de negra ambiçăo sempre abrazado,
Contra o seu juramento a espada empunha.
Hum punhado de herós, fieis amigos,
Me querem confiar titulo sagrado.
O Herdeiro do Throno opprime os ferros,
Por cobiça sedenta já forjados.
A Patria, Natureza, Honra, Amizade,
Estimulăo meu peito, e me compellem
A levantar a voz, e dar impulso
Aos Filhos da Naçăo. Mas que pertendo?
Quaes săo os meus recursos? Com que forças
Quero oppôr-me á torrente arrebatada
Das Castelhanas armas, de inimigos,
Que no seio da Patria inda se nutrem?
Será justo, que fervido, imprudente,
Por querer defender com fracos meios
A Naçăo ultrajada, exponha tudo
A' ruina feroz, ao saque, á morte?
Que os heroicos amigos, que me ajudăo,
Sacrifique á vingança embravecida

De infiel aggressor! O' Deos Supremo!
Tu ves meu coração! Desterra a lucta,
Que as oppostas paixões nelle suscitão!
Illumina minh' alma, e se te agrada,
Que eu seja o instrumento das promessas,
Que ao Fundador do Reino então fizeste,
Dá valor a meu braço, e consistencia
Ao Corpo da Nação, que jámais soffre
Ver estrangeiro Rei pizar seu Throno.

ACTO III.

SCENA I.

Sala Regia.

D. Leonor, D. Constancia, e D. Violante.

D. CONSTANCIA.

INTENTAS consumir tua existencia,
Que propende ao prazer, entre os negocios
De assiduo gabinete? Nossas forças
Se estragão bem depressa, quando damos
Acção em demasia ao pensamento.
He preciso alternar duros trabalhos
Com meiga distracção; oppôr aos males
Os juviaes momentos; em seu curso
Seguir constante a mestra Natureza,
Que humas vezes convulsa se apresenta,
Outras descança em placido socego.

D. LEONOR.

He facil dar conselhos quando o esp'rito
Desafogado está, quando não pesão
No triste coração sustos sem conto.
Como quereis, amigas, que eu me esqueça

Das minhas circumstancias, que eu affroxe
As rédeas do governo, se assaltada
Sou por oppostos lados, se a perfidia,
A negra detracção, voraz ciume,
Odio devastador, atroz cobiça,
Todas as Furias, que o inferno habitão,
Sahirão conjuradas em meu damno.
Assusta-me do Povo a voz inquieta!
Já não posso gozar doce amizade!
Até o proprio sangue me atormenta!
As Castelhanas armas retinindo,
Vem fazer em meu peito éco medonho!
Assombra-me o poder do proprio Genro!
Horroriza-me ver que os meus vassallos,
Que tanto tenho amado, me abandonem,
E queirão sustentar loucos projectos
De vãs cabeças, de homens revoltosos!

D. VIOLANTE.

Esses partidos, que a Nação dividem,
Chimerico fantasma suscitado
Por fervidos desejos, bem depressa
Dissipado será. Quando se ouvirem
Da furibunda guerra estrepitosa
Aterradores sons, esses infames,
Que agora se revoltão cobiçosos,
Irão gemer nos antros mais escuros,
Do susto e do pavor. Justos direitos,
O teu respeito, a Regia Auctoridade,
Já se apressa a vingar Castella amiga.
A' frente marcha o Rei a quem ligada

Estás por ternos laços. Deixa os sustos,
Goza de almo prazer, e nas douradas
Azas fulgentes da tenaz ventura
Entrega o curso de apraziveis dias.

D. Leonor.

He justamente a origem tormentosa
De meus negros pezares essa tropa,
Que ufana vem marchando. Eu já conheço,
Pela longo exp'riencia, quanto podem
No coração humano os sentimentos
De sómente reinar. Temo a victoria
Das armas Castelhanas. Temo o Genro,
Que ambicioso queira despojar-me
Do Throno, contra a fé de seus tractados.
Temo a Nação, de quem não sou amada,
E que apezar do estudado empenho,
Querendo liberal ganhar-lhe affecto,
De antigas prevenções sempre occupada,
Este doce prazer me tem negado.
Temo a guerra civil. Temo a vingança
De hum Povo abandonado a seus furores,
Contra aquelle que goza da minh' alma
Particular favor, favor sem crime,
Mas que a inveja mordaz soltando a lingua,
Com denegrido fel já tem manchado.
Quão espinhosa he do Throno a estrada!
Que luctas, que combates senão sóffrem
Dentro do coração! Fieis amigas,
As minhas circumstancias se apresentão
De pavorosas sombras revestidas.

D. Constancia.

João, que de Castella o ceptro impunha,
Que Pio, que Catholico se chama,
Não ha de vir manchar nomes sagrados
Com perfidia e traição: seus juramentos
Serão inviolaveis, e bem podes
Tranquilla confiar nas leis da honra.
A Nação Portugueza tem por timbre
Fidelidade, Amor, aos Reis, e á Patria;
A maior parte da Nobreza, e Povo,
Respeita o teu governo; o teu caracter,
Aonde a Realeza está descripta,
Te segura no Throno. Algum partido,
Que fumenta a ambição, com braço forte
Intrepida dissipa, e os vís cabeças
Sintão da lei o pezo justiceiro.

SCENA II.

As ditas, e Conde de Ourem.

Conde de Ourem.

Hum momento, Senhora, se apresenta,
Talvez por mão celeste preparado.
Vai cahir a traição nos mesmos laços
Que cavilosa ordia. Os meus espias
Importante segredo descobrírão,
E minha actividade em movimento
Tem feito opposição ao crime horrendo.

D. Leonor.

Vem, amigo fiel, vassallo honrado,
Ajuda-me a domar atrozes monstros,
Que contra nós conspirão. Tu desterras,
Com teu nobre caracter, grande parte
Dos males que me opprimem! Quem se atreve
A crimes perpetrar? Quem nos insulta?

Conde de Ourem. (1)

Da vossa discrição, daquelle zelo
Com que tendes constantes sempre amado
A melhor das Rainhas, não duvido
Confiar hum segredo, donde pende
O exito feliz de grande empreza.

D. Violante.

Quem duvidar de nós offende injusto
A mais pura e leal fidelidade.
A Rainha conhece ha longo tempo
Os nossos corações, que nada pode
Seductor alterar, pois que se funda
Na mais doce affeição nossa amizade.

D. Leonor.

Não hesites, meu Conde, amor nos liga;
Desde os primeiros lucidos momentos
Em que pizei as salas magestosas

---

(1) Para as Damas.

Deste augusto Palacio, a mais estreita,
E nunca interrompida sympathia,
Constancia, e Violante, unio á sorte,
E ao destino meu. Com voz segura,
E franco coração, expõe sem susto
Deste novo successo occulta origem.

CONDE DE OUREM.

Quando por toda a parte se fomenta
Atroz conjuração, pede a prudencia,
Que sejamos hum pouco circumspectos.
Escuta attentamente onde a perfidia
Pode levar hum homem, que deseja
Sobre o Throno assentar-se, que lhe negão
Natureza, razão, leis, e tractados;
E ve como a Justiça, que aborrece
Os crimes d'ambição, prepara o golpe
Que o progresso fatal corta, anniquila.
Tu conheces, Senhora, que esse injusto
Mestre de Avís, he chefe audacioso
Do partido que quer levar a Patria
Aos abysmos da triste desventura.
Affecta compaixão, finge que soffre
No peito acerba dor, por ver nos ferros
Criminosos Irmãos, e chama o Povo,
Com vozes contrafeitas da piedade,
A vingar as injurias pertendidas
De seu oppresso Rei; mas vendo os poucos
A quem seduz facinoroso engano,
E temendo arrancar com debeis forças
A cobiçosa mascara, se arroja

A' mais negra traição, contando affouto
Com o odio que tem Britano Povo
Ao valor Castelhano. Já se apressa
A procurar soccorros criminosos
De alheas armas, sempre mui funestas.
Dentro de huma das náos que o Téjo banha,
E que em breve largando ao vento as vélas,
Vai demandar da Patria o porto amigo,
Quer transportar-se, para dar impulso
Com mais prompto vigor á trama injusta.
Conta entrar brevemente a foz do Téjo
Com poderosa esquadra fulminante
Prenhe de rayos, de soldados duros,
E que inflammando os perfidos, que ficão
Occultos murmurando, audazes fação
Da Patria hum campo de cruel carnagem.
Meu genio vigilante, e que de perto
Segue os passos fataes deste inimigo,
Descobrio o projecto o mais nefando.
Fiz chamar em segredo e com cautéla
Britano chefe dessa náo soberba;
Expuz-lhe vivamente o horror do crime,
As atrozes funestas consequencias
De hum passo arrebatado, e quantos males
Se podião seguir da peste horrivel,
Que queria asylar dentro em seu bojo.
Em teu nome fallei, abri meus cofres,
E com profusa mão comprei do infame
A vida criminosa. Em poucos dias
A barra vai sahir a náo ingente,
E sobre as azas de fagueiros ventos,

Quando intentar que vai seguindo o rumo
Da ilha desejada, a proa inclina
O destro capitão, e de Atouguia
Vem procurar a costa tormentosa:
Sob qualquer pretexto ao mar se lança
A fluctuante lancha, e seduzido
Com apparencias vãs, talvez por força,
Para terra ha de vir quem se dispunha
A trazer-nos de longe horrivel guerra.
Tropa escolhida de fieis amigos,
Escondidos nas grutas cavernosas,
Espreitão o momento afortunado
De libertar a Patria de hum tyranno.
Tanto que a terra toque, a morte soffra!
Seu cadaver nas ondas sepultado,
Sirva de pasto aos monstros do Oceano.
Espesso negro véo encubra aos Povos
O tragico successo, em quanto a marcha
Das nossas pertenções não se solida.

D. Leonor.

Tua amizade, o zelo infatigavel
Em promover do Throno a causa justa,
O peso dos negocios, que me opprime
Sensivel coração, algo affugentão.
Tanto pode a ambição fascinadora!
Extinga-se esse monstro, que projecta
A Patria devorar, roubar-me o Throno;
E já que o Ceo prepara justiceiro
Opportuno momento, a vida acabe
Da minha inquietação funesta origem.

A Regia Auctoridade, os meus thesouros
Empenha cuidadoso, e no silencio
Do mais fiel segredo occulta, amigo,
Esta acção necessaria, donde pende
O tranquillo prazer de nossos dias.

CONDE DE OUREM.

Nada temas, Senhora, em quanto exista
Quem tanto te respeita, e tanto adora,
Esmagados serão d'atroz cobiça
Os fumantes projectos. Teus contrarios
Eu farei extinguir com braço ousado.
Quem não te amar, que trema e se confunda.
Os loucos, que inda intentão levantar-se
Contra o poder das armas Castelhanas,
E contra o meu valor, eu te asseguro,
Que não hão de pizar por longo tempo
A terra que desejão ver regada
Do quente sangue de fieis vassallos.
As nossas circumstancias se complicão.
He da minha presença que depende
Grande parte dos publicos negocios.
Eu parto só levando na minh' alma
Vivos desejos de te ver tranquilla;
Meu zelo, meu amor, minha constancia,
Saberão prevenir traições infames. (1)

---

(1) Vai-se.

SCENA III.

D. Leonor, D. Constancia, e D. Violante.

D. LEONOR.

QUANTO he doce encontrar nos tormentosos
Lances da vida corações sensiveis,
Que nossos féros males affugentão!
Embora a negra inveja chamejando
Os olhos volva, e da farpada lingua
Solte o veneno, que empestar procura
Minha justa affeição a quem se presta
Com valor generoso em meu serviço.
Sim, Conde; o teu caracter se faz digno
Do meu favor, do destinguido apreço
Com que te sei honrar, e quem deseja,
Por ambição, gozar esta ventura,
Tome as tuas acções por seu modélo. (1)

(1) Vão-se.

SCENA IV.

Sala de Alvaro Paes.

Conde de Barcellos, Alvaro Paes, e Ruy Pereira.

PAES.

MEU coração fatidico me inspira,
Que deste ajuntamento tão sublime
Vai resultar a salvação da Patria.
Quanto he nobre, Senhores, dar impulso
A famosas acções! Nossa apathia
O Portuguez caracter já não soffre.
Somos filhos de heróes, heróes nos derão
Reis Nacionaes, que sempre defenderão
Da nossa liberdade herança augusta.
Sejamos successores das virtudes
De nossos ascendentes, não manchemos
De negra cobardia hum sangue honrado.

CONDE DE BARCELLOS.

Esse nome, que tanto avilta o homem,
Jámais se pode unir ao nome Luso.
Os nossos corações só são formados
Para abrigarem nobres sentimentos.
Preferimos a morte á vida infame.
O sangue, que da Patria se sustenta,
Deve correr, para quebrar-lhe os ferros.

Paes.

Essa grande expressão de alta virtude,
Noutra boca, Senhor, talvez tivesse
Menos pezo; porém na de hum parente
No sangue tão conjuncto, a quem estreitão
Da Natureza os laços seductores,
Que o brilhante fulgor de excelsos Thronos
Devia deslumbrar, he quanto pode
Encontrar-se no mundo mais sublime.
Meu caro Conde, na remota idade
A Fama contará cheia de assombro
As preclaras virtudes, que ostentaste
No meio das paixões, seguindo a recta
Vareda, que da Gloria ao templo guia
O nome dos heróes, que não se apaga.

Ruy Pereira.

Honrado Portuguez, as cãs, que alvejão
Sobre tua cabeça, onde as sciencias
Tem feito habitação, justos direitos
Tem ao nosso respeito. Os teus conselhos,
Qual facho luminoso, que esclarece
Em tenebrosa noite ingreme estrada,
Nos servirão de guia entre os escolhos
Em que vamos luctar de honra inflammados.
Tu, que sabes pintar com vivas cores
Nossa situação, as leis que prendem
Ao dever social as almas grandes,
E que soltando a voz em som que encanta
Fazes ouvir os lugubres gemidos

Da Patria oppressa, que reclama afflicta
Os braços de seus filhos, persuade
Ao nosso heróe, a quem pertence dar-nos
Exemplos de valor, que affouto acceite
De Defensor do Reino o nome augusto.
A Nação quer quebrar laços injustos,
Que a perfidia teceo, mas quer hum chefe
Intrepido, guerreiro, e que dirija
As armas, o governo, as leis, e a ordem.
Dissipa seus receios, só fundados
No bem de seus amigos, na modestia
Propria de seu caracter, nas virtudes,
Tão dignas de occupar o Patrio Throno.

PAES.

Farei o meu dever. Em qualquer lance,
Que a fortuna ou desgraça me apresente,
Igual sempre será a marcha honrada
Do meu procedimento. Assaz mostrado
Já tenho a Portugal por longo espaço
Quanto prézo servillo, e que não pode
O fogo das paixões, que a alma estraga,
Atacar meu caracter. Todos sabem
Que antepuz a justiça e o bem do Estado
Aos pessoaes int'eresses. Onde amigos
Está o nosso heróe? Deve seguir-vos?
E nesta habitação de hum velho oppresso
De muitos annos, de molestias tristes,
Ouvir da boca, que com mão mirrada
A morte quer cerrar, altas verdades,
Que sem se demorar deve cumprillas.

Conde de Barcellos.

Tardar não pode: eu vi estimulado
Seu nobre coração, quando troava
Do grande Nuno a voz assustadora.
Este joven guerreiro desenvolve
Talentos immortaes; sabios conselhos
No gabinete dá, no campo a espada
Impunha com valor. Essa sciencia,
Que sabe prevenir acasos tristes,
E preparar seguros os momentos
De brilhante victoria, elle conhece,
E seu braço será rayo terrivel,
Que as Castelhanas hostes desbarate.
Eis chega aquelle que a esperança nutre
Nos Lusos corações fieis honrados.

SCENA V.

D. João, D. Nuno, e os ditos.

Paes. (1)

Este dia, Senhor, vai ser contado
No numero daquelles mais felizes,
Que tem corrido o dilatado espaço
Da minha longa vida. A honra he grande!

(1) Encaminha-se com os outros a receber D. João. Pouco depois alguns criados chegão as competentes cadeiras.

Receber nesta casa o filho amado
De excelso Rei, a quem devi favores
De alto conceito, fructos d' amizade,
Que lhe soube ganhar com meus serviços,
Hum Heróe, que a Nação afflicta chama
Para seu Defensor, que tem direitos
Ao nosso coração, ao nosso affecto;
Este prazer tresborda na minh' alma!
Benefico calor me vivifica
Frio sangue, que o tempo tem gelado!

D. João.

Honrado e Nobre Paes, que em dóis reinados,
Sempre empregado, as rédeas manejaste
Da imparcial justiça, ás leis prestando
Fiel execução e firme apoio.
Teu distincto caracter, essa idade,
Que exp'riencia e saber tem entretido,
Te fazem respeitavel; nós buscamos
Teus sesudos conselhos, qual de orac'lo
A voz consoladora. Tu divisas
De perto sobre o nubilo orizonte
Horrisona procella, que ameaça
A Patria destruir: com teus dictames
Guia a nossa razão, e se descobres
Energico remedió, que suspenda
O progresso fatal de nossos males,
Francamente annuncia, que eu te juro
Tua voz escutar, qual filho docil
Os conselhos de hum pai prudente e justo.

PAES.

Jámais coube em meu peito atroz engano;
Quando fui consultado expuz singelo
A minha opinião: porém agora,
Que se tracta, Senhor, de alta importancia,
Que á salvação da Patria a honra chama
As almas generosas, novo impulso
Abre meu coração. Grandes verdades
Escuta e peza, e seguindo a marcha,
Que o dever mais sagrado te prescreve,
Não te deixes luctar entre incertezas,
Perdendo o tempo á gloria consagrado.
Se te agrada, Senhor, sentado escuta
De hum velho Portuguez os sentimentos.

D. JOÃO.

Não hajão distincções. Entre a amizade,
Que o laço aperta na commum desgraça,
Todos somos iguaes. Quanto he sauve
Nos males encontrar quem se condoa,
E se preste a fazer-nos companhia. (1)

PAES.

Pois que licença dais que franco exponha
Da Patria a desventura, e que remedio
Se lhe pode applicar para salvalla,
Eu começo, Senhor, e vos supplico

---

(1) Assentão-se todos.

Que ás minhas reflexões sejais mais docil.
Vosso Pai nos deixou o Reino intacto.
Sobre a fiel balança da Justiça
Sem compra e sem suborno se pezavão
Os delictos que a lei tinhão manchado.
Seu nome só affugentava o crime.
Castella temorosa suffocava
No peito ambicioso o odio antigo,
E não queria expôr-se a novas luctas,
A seu orgulho sempre mui funestas.
Ainda no vigor de fresca idade
A morte nos roubou o Pai da Patria,
Deixando o Throno a vosso Irmão, que dava
De perfeito reinar grande esperança.
Bem depressa os prazeres seductores
Occupando su' alma, lhe enervarão
A força e o vigor. Guerras terriveis
Das suas distracções são consequencias.
Ambicioso Henrique os campos tála.
Abandonadas Praças conquistando,
Vem insultar os muros de Lisboa,
E nesta capital se virão scenas
De heroismo, terror, vingança, e gloria,
Correndo pelas ruas misturado
O sangue das Nações, que se odiavão.
Este Rei, que gostava de conquistas,
Cede á morte tambem, e sobe ao Throno
Esse fatal João. Tractado infausto,
Para a guerra acabar, nos abre as portas
A guerras sanguinosas. Assombrada!
Vio a Nação partir do Reino a Herdeira,

Penhor desta alliança. Estipulou-se
No solemne tractado, que o primeiro
Filho deste consorcio, he quem devia
No Throno succeder, e ser criado
A peitos Portuguezes, respirando
Logo apenas nascido os ares patrios.
Pouco tempo depois morte apressada
Nos roubou nosso Rei, que em testamento
Na Rainha deixou Regente ao Reino.
Devia-se esperar qne o Castelhano
Monarcha, que assignou este contracto,
Fosse a elle fiel, e ao mais tremendo
Sagrado juramento. E quem diria,
Que a sacrilega mão que então tocava
De hum Deos sacramentado o corpo augusto,
Para sellar promessas tão solemnes,
Em pouco tempo arrancando a espada
Nos traria feroz sanguinea guerra.
Que se pode esperar de quem quebranta
Só por negra ambição tal juramento?
Com a atroz aggressão se desatarão
Todos os laços. Nossas leis prohibem
Que reine estranho Rei, o mais injusto,
Pois tanto que a noticia lhe levárão,
Que D. Fernando tinha succumbido
Ao imperio da morte, os successores
Do Reino fez ligar com duros ferros;
Fez-se acclamar legitimo Sob'rano
Do Throno Portuguez, e vem armado
Direitos apoiar que deo perfidia.
A Nação quer luctar, que pôr barreiras

A' sedenta cobiça, quer hum chefe,
Com que possa contar, guerreiro e nobre.
Afflicta e perturbada aos olhos volve
Para o caracter teu, quer entregar-se
A' tua protecção; tem destinado,
Para honrar o teu nome, o mais sublime
De quantos pode dar o mundo ao homem;
Por defensor do Reino és desejado,
E será justo que indeciso deixes
Tão bons filhos sem pai? Que os abandones
A's garras de hum leão facinoroso?
Que vejas devorar a Patria mésta
Sem prestar-lhe soccorros? Teus amigos,
Esse Povo fiel quer dar-te o sangue,
Quer as vidas expôr, os bens, e quanto
Humano coração mais ambiciona.
Eia pois, Defensor, ás armas vamos,
Atrevidas phalanges já pizarão
O sagrado terreno, vamos dar-lhes
Novos exemplos do valor brioso,
Que os honrados Avós nos transmittirão.

D. João.

Tenho gloria immortal em ser da Patria
Primeiro Cidadão. Ninguem conhece
Melhor do que eu os laços que me prendem
A' ordem social, quantos deveres
A' minha profissão são inherentes.
Os males que imprudencia arrebatada,
Em féro turbilhão pode causar-nos,
São quem suspende o vingador impulso

Que arde em meu coração. Se reunidos
Visse á roda de mim da Patria os filhos,
Unanimes, concordes, se as desgraças
De huma guerra civil não visse ao longe,
As estrangeiras tropas não farião
Minh' alma vacillar. Sagaz Rainha
Sabe entreter com illusorio affago
Partidos facciosos, que apoiando
A barbara invasão, a estrada aplainão
Ao cruel inimigo. Que faremos
Os poucos que inda seguem da virtude
A brilhante carreira? Que alliado
Temos em quem contar? Deixai-me, amigos,
Antes desta explusão, buscar á Patria
Hum firme apoio na Nação briosa,
Que o mar circumda n'Albion guerreira.
Possante não em breve desaferra
Do patrio Téjo, nella transportar-me
Quero áquelle paiz, de hum Rei amigo
Saberei alcançar grandes soccorros,
Que á nossa intrepidez então unidos,
Expulsem com vigor dos nossos lares
Intruso Rei, facinorosas tropas,
E se possivel for, tirem dos pulsos
Do Rei e dos Irmãos grilhões pezados.

D. Nuno.

Quando pelas provincias limitrófes
A guerra estrepitosa já começa
A espalhar o terror, causando aos Povos
Indefensos funestas desventuras,

Quando o soberbo Rei marcha direito
A' nossa Capital, para assentar-se
No Throno avassallado, he que pertendes
Soccorros procurar em terra estranha?
Que dirá o mundo vendo que deixaste
No meio do conflicto a cara Patria,
Os heroicos amigos, que quizerão
O sangue derramar por teus int'resses?
Talvez que na severa Historia hum dia
Se descreva esta acção com feas cores!
Tens braços Portuguezes, que não sabem
Outros ferros pezar que espada, e lança.
Com elles te arremessa á guerra justa,
E verás que a victoria inda conhece
Os nossos estandartes. Quem nos guia
Ao campo da carnagem he sómente
O amor Nacional, a honra, a gloria.

CONDE DE BARCELLOS.

Já me oppuz resoluto a tal projecto.
Inda nelle persistes? Talvez queres
Teu nome denegrir de fuga insana?
E que cobarde pela vez primeira
Te julgue o mundo, dando a primazia
A'quelles que procurão por modelo
As heroicas acções que tens obrado?
Ah! não manches, Senhor, alto conceito
Que formão as Nações de teu caracter!
Teu genio desenvolve; afflictos Povos
Vem defender, e dar a teus amigos
Sublime exemplo de valor guerreiro.

Ruy Pereira.

A prudencia he virtude, mas se avante
Passa das metas que prescreve a honra
Em vicio degenera, e rouba á gloria
De hum ousado momento o fructo heroico:
De que serve viver soffrendo injurias!
Ou procurar no mundo hum canto escuro
Onde se occulte misera existencia!
A morte com seu somno apaga os males!
Só a pode temer quem desconhece
Quanto he duro viver sem Patria escravo.

Paes.

Amigos generosos, que inflammados
No mais sancto dever, buscaes hum chefe
Sangue de nossos Reis, na guerra experto,
Ornado de virtudes, que ennobrecem
As nossas esperanças, alegrai-vos;
Não pode o nosso heróe deixar nutantes
Tão honrados desejos, seu caracter
Segura protecção nos affiança.
Já lhe vejo brilhar nos vivos olhos
A chamma que accendeo o amor da Patria.
Seu coração he fogo, e vai mostrar-vos
Na punição do crime, que aborrece
Da nossa desventura os vís auctores.
Sim, Augusto Senhor, existe hum monstro
Que deves extinguir com braço ousado.
Tudo o que offende hum coração sensivel,
Sem pejo, e sem rebuço audaz commette.

Profana o Throno, mancha a respeitavel
Memoria de seu Rei, piza a virtude,
Os vicios auxilia, o Reino estraga,
E com comprada mão as portas abre
Ao perfido invasor. Esse insolente,
Conde de Ourem, deve acabar seus dias
Ao gume vingador daquella espada
Que vai brilhar nos campos da victoria.
Comece a derramar-se na justiça
O sangue Castelhano, os seus suspiros,
A nossa liberdade, a voz da guerra
Aos Povos annunciem. Tu conheces
Quanto tens a vingar no monstro infame.

CONDE DE BARCELLOS.

Se a voz do coração sómente ouvisse,
E desse livre curso a meus desejos,
Desse vil seductor a vida horrivel
Já teria acabado ás mãos da honra;
Porém tenho a poupar justos deveres,
Não quero expôr á barbara vingança
Minha cara consorte, os tenros filhos.
Nos cegos corações que o fogo abrasão,
Tem mais força as paixões que a Natureza!
Tu, que és sangue dos Reis, que és respeitado
Pela Nação fiel, que tens direitos
A conter de huma vez tramas injustas,
Que contra ti o barbaro fulmina;
Do maior inimigo a Patria livra,
Seu sangue ingrato regue a mesma terra,
Que á feroz ambição tinha vendido.

D. Nuno.

O publico socego exige a morte
De hum traidor, que soberbo se abalança
A' mais desenfreada altiva audacia.
Quer perder furioso os que lhe assombrão
Caprichos insensatos. Tem formado
O perverso systema de vingar-se
De quantos o deslumbrão. Teu caracter,
O amor popular, gritos que soão
Em seus ouvidos com fragor medonho,
Tem despertado no rebelde peito
Do odio abrasador a chamma ardente.
Es o alvo, Senhor, onde dirige
Tiros occultos, se puder impune
Seus desejos cumprir dando-te a morte,
Sem rumorsos sentir, aos grandes crimes
Este crime unirá funesto á Patria.

D. João. (1)

Os vossos argumentos dissiparão
Meus receios, nascidos da incerteza
De poder reunir no mesmo int'resse
Os braços da Nação. Não diga o mundo,
Que houverão Portuguezes mais amantes
Da cara liberdade, e que indolente
A vida preferi, os bens, e o gozo,
A' honra que me dais de vosso chefe.

---

(1) Levanta-se, e os outros fazem o mesmo.

Quero morrer ao lado generoso
De amigos valorosos, que desejão
Os insultos vingar da Patria oppressa.
Nesta honra inflammado, ufano acceito
De Defensor do Reino o nome excelso.
Vamos a sustentar em campo armados
Do caro Irmão direitos, que lhe nega
A funesta ambição em odio acceza.
Sobre nossas espadas lampejantes, (1)
Que jámais sem vingar-se se embainhárão,
Juremos união, constancia, e força,
No meio desses lances arriscados
Em que vamos luctar. As nossas vidas
Desde este momento só pertencem
A' justa causa, que nos liga á honra.
Eu juro pelo Ceo, que os sentimentos (2)
Ve de meu coração, quebrar cadêas,
Que se querem lançar em braços livres,
Exterminar da Patria a ferro e fogo
Fallazes inimigos, que maquinão
Por occultas traições nossa ruina.
As armas não depôr sem ter sentado
O legitimo Rei no Throno amigo. (3)

CONDE DE BARCELLOS.

Eu juro defender com esta espada
As leis fundamentaes da Monarchia,

---

(1) Desembainha a espada. (2) Estende o braço com a espada nua. (3) Todos fazem o mesmo, cruzando as espadas.

Os ramos sustentar da Regia Próle,
Que nossos Pais no campo da victoria
Alegres proclamarão, dar meu sangue
Pela gloria immortal do nome Luso.

D. Nuno.

Por tudo o que ha mais caro, e mais sagrado
Ao coração do homem, que prefere
Heroica morte á vil ignominia,
Juro não embainhar a minha espada
Em quanto esses audazes Castelhanos
Pizarem nossa Patria, ser constante
Nos laços saciaes, que adoro e prezo,
E se o Ceo me ajudar, levar a guerra
Ao paiz inimigo, até domar-lhe
Por solemne tractado infame orgulho.

Ruy Pereira.

O sangue desses mesmos inimigos
Já tingio este ferro, que não sabe
Deixar de combater quando se insulta
O brio Portuguez. Juro empregar-me
Na defensa do Reino, e junto ao lado
Do chefe augusto, que a Nação escolhe,
Ou a vida perder, ou libertallo.

Paes.

Meu braço já não treme vigorado
Pela chamma vivifica, que aquece
Com suave calor meu curvo peito.
Graças te dou Celeste Providencia!

Como tu são eternas, são seguras
As promessas que fazes, quando afflictos
Procurão os mortaes tua assistencia!
Abençoa do alto do teu Throno
Esta união, e faze que prosperem
Esforços immortaes diguos de premio.

D. João. (1)

Amigos generosos, que não pode
Averso fado separar iniquo;
Confiemos no Ceo, que a causa he justa.
Unidos por amor, por juramentos
Inviolaveis, demos novo exemplo,
Que Lusos corações não se somettem
Ao imperio cruel do despotismo.
Que seremos Nação em quanto houverem
Braços neste terreno, que não gera
A peste estragadora da perfidia.
Vamos pór em acção nossos deveres.
O p'rigo he imminente, urge o remedio.
Sejamos incansaveis vigilantes,
Que da Victoria não se marcha ao templo
Sem primeiro luctar co'a guerra dura.
E tu, meu caro Paes, que dissipaste
As minhas prevenções com teus conselhos,
Da fogosa soberba mocidade
Os impulsos modéra, quando avante
Queira passar as metas da prudencia.
Fica-te em paz, recebe nos meus braços (2)

---

(1) Embainhão as espadas. (2) Abraça-o.

Terno sinal do mais constante affecto.

PAES.

Estrella radiante, que annuncias,
Rompendo as negras condensadas nuvens,
Em noite procellosa ao nauta afflicto
A suspirada placida bonança,
Vai cheio de valor salvar teus filhos
Das truculentas esfaimadas garras
Da feroz ambição, que os teus amigos
No calor desta lucta tenebrosa
Saberão sustentar seus juramentos. (1)

SCENA VI.

PAES.

CONSEGUI despertar no peito heroico
Do sublime João altas virtudes
Dignas do Throno, dignas do caracter
Que vai representar. Deos, que nos déste
Por sinal da victoria esse estandarte,
Que ovantes sustentamos, continua
A tua protecção; pois que o combate
Talvez exceda, no furor, no estrago,
O que venceo aos feros Sarracenos
Sobre o Campo de Ourique Affonso invicto!

---

(1) Vão-se todos, menos Paes.

ACTO IV.

SCENA I.

Sala de D. João.

D. João, e D. Nuno.

D. JOÃO.

Meu amigo fiel, que me acompanhas
Com saber, com valor, nas grandes lides,
Em cujo coração franca amizade
Encontra abrigo nos cuidados duros,
Vem comigo escutar a voz celeste
Do servo do Senhor, que entre as alpestres
Fragosas penedias onde habita,
Os occultos segredos do futuro
Inspirado do Ceo alli revela.
Antes que rompa a guerra furiosa,
He justo consultar do Deos Supremo
Immutaveis decretos, supplicar-lhe,
Pelo orgão visivel da virtude,
Sublime protecção seguro amparo.

D. NUNO.

A piedade, Senhor, he a primeira

Das virtudes, que adornão almas nobres.
Recorrer no conflicto a hum Deos clemente,
He impulso inherente ao triste humano;
No fragil coração atribulado
Derrama da esperança e do socego
O balsamo suave, que minora
De pungentes cuidados dura guerra.
Busquemos nosso Deos, que elle não falta
A quem humilde seu soccorro implora.

D. João.

Acompanha-me pois, de ti sómente
Eu quero confiar esses segredos,
Que do Sancto Varão éstro Divino
Poderá declarar-me. Entre a espessura
Desse sombrio emmaranhado bosque
Vamos a penetrar! Em hora fausta
Queira o Ceo dirigir os nossos passos!

D. Nuno.

Em qualquer lance, ainda o mais perigoso,
Constante me verás junto a teu lado.

SCENA II.

Sala do Conde de Ourem.

Conde de Ourem, e Texeda.

CONDE DE OUREM.

Se eu fosse hum homem que julgasse as cousas
Sómente pelas suas apparencias,
Diria que o traidor traz escudada
A vida infame por celeste braço.
Mas pode hum Deos, que os crimes aborrece,
Asylar a impostura, amar hum monstro,
Que suscita a revolta, e que pertende,
Illudindo da plebe inquita e louca
Insensatos caprichos, dar impulso
A perfidos projectos? Não, Texeda,
Se acasos imprevistos tem frustrado
Os laços que lhe armei, se receoso,
Ou cobarde talvez, temeo Neptuno,
Vai hoje de exaltado fanatismo
Victima ser por braço justiceiro.
Apenas o traidor os planos traça,
Logo espia sagaz, que junto delle
Lhe espreita os movimentos cauteloso,
A trouco de meu ouro vem contar-me:
Sei os passos que dá, até parece
Que penetro a travez do que imagina;
Agora de remorsos assaltado,

Temoroso de hum exito terrivel,
E de ver derrubado esse colósso,
Que a exaltada soberba levantára,
Quer consultar hum solitario Monge,
Que do porto de Jafa ao Téjo veio.
Não longe de Lisboa, entre escabrosa
Gruta cercada d'ingremes rochedos,
A quem abafão estendidos ramos
De corpulentas arvores silvestres,
Habita o homem, que se diz revela
Dos tempos que hão de vir a marcha occulta;
De vozes populares illudido,
Incauto hoje mesmo vai lançar-se
Nos braços da vingança: o sitio he proprio
Para o desejo meu! Acompanhado
De criados fieis, de bons amigos,
Escondidos nos antros cavernosos,
Espreitaremos o feliz momento
Em que passe o traidor, então lançados
Com resolutas mãos sobre elle, e quantos
Indiscretos seguirem seus caprichos,
Livraremos a terra horrorisada
De monstros, que desejão ensopalla,
Por cruenta ambição, em sangue humano.
Seus corpos estragados se sepultem
Nas broncas penedias, occultando
A's vistas da Nação este segredo.

TEXEDA.

Instante favoravel se apresenta
A' nossa intrepidez! Morra o perverso,

Que intenta contrastar nossos projectos!
Eu quero acompanhar-te, e ser daquelles
Que primeiro traspasse o peito aonde
Bramindo de furor se asyla o crime.

CONDE DE OUREM.

Não devemos, amigo, demorar-nos;
Vamos a prevenir do bosque a entrada.
Em occulto lugar sobre a vareda
Nos vamos esconder. Teu zelo aprovo,
Neste lance darás a teu Monarcha
Do mais fiel amor hum testemunho.
O' lá, criados, vinde, as minhas ordens (1)
Em tudo se cumprirão? Estais promptos
Para seguir comigo aquella estrada
Que nos marca o valor, e a nossa honra?

SCENA III.

Os ditos, e Criados.

HUM CRIADO.

DISPÕE de nossas vidas! Por mais ardua
Que seja a empreza, somos resolutos
Ou comtigo acabar, ou consumalla.

---

(1) Sabem oito criados bem armados.

Conde de Ourem.

Vinde, meus companheiros, de ora avante
Meus criados não sois, sois meus amigos!
Empregos mui honrosos se destinão
Ao vosso mer'cimento! Nosso exemplo
Denodados segui! Da minha escolha
Só espero felizes resultados!
Porém se houver algum, que no conflicto
Não desempenhe aquella confiança
De que dimana a honra, e perturbado
De panico terror os outros deixe,
Ou depois fementido este segredo
Descubra a alguem, a morte tormentosa
Será o premio desta aleivosia.

Texeda.

A minha protecção junto do Throno
Vos fará venturosos. Vinde ousados
A Patria libertar, salvar as vidas
De milhares de victimas, que a morte
Inexoravel com furor espera.

SCENA IV.

Bosque fragoso, na encosta da montanha está huma gruta, habitação do Monge.

Conde de Ourem, Texeda, e Criados.

CONDE DE OUREM.

PARECE que a convulsa Natureza
Formou este lugar tão escabroso
Para morada triste pavorosa
Do silencio e do horror. Lugar seguro,
Que hoje vai consagrar meu forte braço.
A' mais justa vingança. Sitio proprio
A cahir a meus pés o chefe iniquo
Do partido feroz, que accende a guerra.
Onde a gruta será do Solitario?
Por ella marcaremos nosso campo,
E na encosta da asperrima vareda,
Entre rochedos, carcomidos troncos,
Faremos a emboscada. Não escape
Hum inimigo só, sejamos déstros.

TEXEDA.

Talvez aquella gruta cavernosa
Seja do Monge a lugubre morada;
Vamos ver se ha sinaes de humanos passos,
Ou se he habitação de brutas feras. (1)

---

(1) Adiantão-se para a gruta.

SCENA V.

Os ditos, e o Monge.

MONGE. (1)

RESPEITAVEIS Senhores, neste sitio
Aonde a solidão tem seu imperio,
E fecunda risonha Natureza
De todo abandonou, que vos convida
A penetrar por entre as penedias,
Que me tem dos mortaes já separado?

CONDE DE OUREM.

Fatal encontro!... Finja-se surpreza!... (2)
Quem és tu, que do centro das montanhas
Nos vens fallar com voz assustadora?
E's homem, ou espirito maligno,
Que nos quer aterrar? Ou chefe injusto
De foragidos, que essa gruta habitão?

MONGE.

Sou homem solitario, que deixando
O mundo corrompido, só procuro
Gastar os dias de huma vida triste
Na doce solidão. Aqui contemplo,
Sem ser incommodado pelo estrondo
Das fervidas cidades, quanto he grande

---

(1) O Monge sahe della. (2) A' parte a Texeda.

O profundo Saber, a Magestade
Do Ente Creador. Puno meus crimes
Com austero jejum, macero a carne,
E lançado nas mãos da Providencia,
Vou vivendo feliz longe dos homens.

CONDE DE OUREM.

Sancto Varão, desculpa o meu engano.
Não julgava que houvesse neste sitio
Mortal algum, que a vida consumisse
Em tão austera dura penitencia.
He a nossa paixão caçar nos bosques;
Attrahidos das áves fugitivas,
Que nestas penedias se asylavão,
Viemos perturbar o teu socego.
Insinua-nos pois porque caminho
Mais curto poderemos ausentar-nos.
Respeito o teu caracter. Nesta bolça (1)
Recebe algum soccorro lisongeiro
A's duras precisões da humana vida.

MONGE.

Sou sinsivel, Senhor, á vossa offerta,
Porém desse metal não necessito.
A simples Natureza me fornece
Nas hervas saludares meu sustento.
Se ainda degradado sobre a terra,
Por mão do tempo for dilacerada

---

(1) Offerece-lhe huma bolça de dinheiro.

A pobre vestimenta, que me involve
Mirrados ossos a soffrer affeitos,
Desses palmares ramos, que se curvão
Das arvores frondosas, hum tecido
Farei para cobrir meu frio corpo.
Esta espaçosa gruta me defende
Dos insultos do tempo embravecido.
O homem natural pouco appetece,
E de bem poucas cousas necessita.
O luxo estragador, pompas vaidosas,
Variados caprichos, que se nutrem
Nas Cortes, nas Cidades, são tyrannos,
Que os homens escravisão; seu imperio
Esmaga os corações com mão pungente.
A vareda por onde aqui viestes
He sómente a que dá entrada ao bosque,
O mais são precipicios, são rochedos,
Impenetraveis matas espinhosas,
De feios animaes só povoadas.

CONDE DE OUREM.

Homem feliz, a quem o choque horrivel
De fogosas paixões não accommette,
A quem não privão o socego d'alma
Roidores cuidados! No teu bosque
Fica-te em paz, e roga ao Ceo clemente
Queira de nós affugentar os males
Da guerra inseparaveis companheiros,
E que os monstros, que intentão perturbar-nos
Os publicos negocios, por seu braço

Sejão á justa pena conduzidos. (1)

SCENA VI.

Monge *só*. (2)

Que tropa de assassinos, disfarçados
A' sombra da virtude, querem hoje
Seu odio saciar nestas montanhas!
Justo Deos, não consintas que tal crime
Se venha a consumar! Dias que fazem
Dessa heroica Nação doce esperança
Proteje vigilante, e dos traidores
Sanguinarios projecto anniquila!
Que paixões furiosas não suscitão
No coração humano a vil cobiça,
Desejos de mandar, de ver os homens
Curvados pela dura dependencia!
Quanto mais vou vivendo mais detesto
A vida social, e mais descubro
Na branda solidão meigos encantos.

---

(1) Vão-se. (2) Assenta-se sobre hum penedo.

SCENA VII.

D. João e D. Nuno descendo com difficuldade pelo cume da montanha, Monge.

D. João.

Ja' remedio não ha, caro D. Nuno,
He forçoso vencermos deste monte
A cruel aspereza. Que trabalhos,
Que fadigas não temos sopportado!
Perdemos a vareda, e temos visto
A cada passo a morte apresentar-nos
Nos profundos abysmos sepultura.

D. Nuno.

Na fralda deste monte se descobre
Escuro valle menos pedregoso;
Vamos descendo sempre soccorridos
Das mãos seguras que os rochedos prendem.

Monge. (1)

Do cume dessa serra inaccessivel
Soão vozes humanas. Ceos que vejo!
Livrai esses mortaes dos precipicios!
Mas com mão providente vós abriste
Por entre os mesmos mais segura estrada.

---

(1) Levanta-se, e olha para o monte.

D. João.

Se a triste habitação do Solitario
Não encontrarmos perto deste valle,
Este dia terrivel foi gastado
Em desastrosas asperas fadigas.

Monge.

Se procurais, Senhores, onde habita
Hum misero mortal, que o Ceo sustenta
No meio destas broncas penedias,
Aproximai-vos, não julgueis perdidos
Vossos sustos, trabalhos, e suores.

D. João. (1)

Respeitavel Varão, que hum Deos Supremo
Lá das longinquas terras do Oriente
Fez marchar sobre as aguas do Oceano
A' praia occidental da rica Europa.
A fama das virtudes, dos prodigios,
Com que assombras a nossa afflicta Patria,
He quem aqui conduz dous consternados,
Que vem a supplicar tua assistencia,
No conflicto maior da vida humana.

Monge.

Sentai-vos, caros filhos, minha idade,
O poderoso amor, que já vos tenho,

---

(1) Chegando ao valle.

Sem nunca vos ter visto, dão direitos
Para vos applicar tão doce nome.
Hum pouco repousai das lidas duras
Da vossa digressão. O Ceo propicio
Assim o decretou, tornando inuteis
Da mais negra traição os vãos esforços. (1)

D. Nuno.

Profeta do Senhor, tu não podias
Dar-nos nome mais terno, mais honroso,
Que chamar-nos teus filhos, quando vimos
Teus conselhos buscar. Pai carinhoso,
Exerce o teu dever! De hoje a diante
Ficas ligado por tão doces laços
A nossos corações! Eu já reclamo
Direitos, que tu mesmo facultaste.

Monge.

Acceito com prazer lugar tão nobre,
E protesto cumprir quantos deveres
Inherentes lhe são por leis sagradas.

D. João.

Nosso bom Pai, escuso fatigar-te
Com longa narração dos infortunios,
Que a Patria dilacerão. Tu penetras,
Inspirado do Ceo, caliginosa
Nuvem, que abafa incognitos futuros,

---

(1) Assentão-se fatigados.

Melhor deves saber quanto se passa
Junto de ti em tempos tormentosos.
Os votos da Nação, o sangue herdado
Do Regio Pai me chamão ao conflicto
Mais desigual. Castella poderosa,
Já começa a invadir o triste Reino.
A Rainha sagaz ganha partidos,
Domina as Praças, té o mais temivel
Castello de Lisboa está sugeito
A seu arbitrio, sempre guarnecido
Por tropas, que Castella tem comprado.
Eu tenho corações, e braços fortes
De Lusos indomaveis, mão são poucos,
Com poucas armas, com escassos meios
P'ra sustentarem guerra, que apresenta
O mais sanhudo horrido semblante.
O successor do Reino está nos ferros.
Aleivoso João tem esmagado
Juramentos e leis, honra e tractados.
Perdida huma batalha, está perdido
O Throno Portuguez, e o nome Luso.
Não quero temerario expor á sorte
De hum paiz conquistado a Patria mésta.
Sou instado a acceitar justa defensa
Dos lares paternaes, da nossa herança.
Aconselha-me pois, meu Pai benigno,
Illumina minh' alma perturbada
De nutantes paixões. No precipicio
Estende meiga mão, que me sustenha
Contra impulso fatal de averso fado.

Monge.

Providencia Celeste, que vigias
Sobre as acções dos miseros humanos,
Graças te dou, pois com saber profundo
A teus fins encaminhas nossos passos!
Escuta attentamente, ó filho amado,
De altos successos narração segura,
E verás como Deos, sempre immutavel,
Das promessas que fez jámais se esquece.
Perto dessa montanha sacrosancta,
Aonde o Homem-Deos para remir-nos
Seu sangue derramou sobre o madeiro,
Com que as portas do Ceo p'ra sempre abrio,
Em gruta cavernosa eu habitava
Solitario, gastando os tristes dias
Em contemplar mysterios tão sublimes:
N'um delles, que de magoa atormentado,
Dos homens lamentava os desvarios,
E supplicava a nosso Pai Celeste
Aos males dos mortaes algum remedio;
Sua voz, que as montanhas abalava,
Soou a meus ouvidos desta sorte.
João, eu te destino a grande empreza.
Deixa este lugar, caminha ás praias
Da antiga Júfa, e sobre náo ingente
Vai procurar guerreira Lusitania,
Por meu Povo habitada; alli escolhe
Para tua morada essa montanha
Não longe de Lisboa; e quando o tempo
Da crize tormentosa for chegado,

Aquelle descendente, que eu destino
Para o Throno occupar, virá buscar-te
De incertezas, de sustos, combatido.
Farei então descer brilhante rayo
De luz celeste, que os escuros évos
Claramente a teus olhos apresente.
Inflamma seu valor, diz-lhe que acceite
O Reino, que lhe dou, e que não tema
Os desiguaes combates, pois lhe assiste
Quem invenciveis fez seus ascendentes.
Acabou de fallar, e da enrolada
Nuvem fulgente, onde se encobria
A sua magestade aos olhos fracos,
Crepitantes coriscos fuzilárão.
Cumpri o seu preceito, e agora vejo
Tudo quanto ordenou tambem cumprido.
Divino éstro minha mente aclara!
Sabe, ó grande João, que Deos escolhe,
Para o Reino salvar das garras duras
Do sedento leão, teu forte braço,
E quer que em ti a próle sublimada
Dos Portuguezes Reis vá progredindo.
Primeiro que te assentes descansado
No Throno augusto, fervidas batalhas
Tens a vencer nos campos da victoria;
Té que hum dia feliz sobre as planicies
De Aljubarrota, sempre memoravel,
Teu Reino firmarás sobre os destroços
Do derrotado exercito soberbo
Do barbaro invasor injusto e féro.
Esse mancebo, que ora te acompanha,

Grande parte terá nestes triumphos,
Enlaçado em teu sangue á Patria dando
Heróes, que outros heróes vão produzindo.
Agora se apresenta a serie augusta
Dos descendentes teus, vejo famosos
Inclitos Reis sahirem dos futuros,
Já sabias leis aos Povos promulgando,
Já ganhando tropheos os mais sublimes.
Vejo Africa tremer, as fortes Praças,
Que as costas lhe guarnecem, conquistadas,
E tremolarem sobre as altas torres
Desse tostado clima as quinas Lusas.
Lá vem o Grande Heróe, a quem he dado
O poder de mandar sobre o Oceano,
E por máres, que nunca se sulcarão,
Fazer abrir as portas do Oriente.
Debaixo de outro ceo, e de outros ástros,
A nova quarta parte se descobre
Do mundo, onde as riquezas escondera
Para offertar-lhe a sabia Natureza.
Porém que triste scena pavorosa
Se apresenta a meus olhos! Desgrenhada
Entre soluços lagrimas derrama
Afflicta Lusitania! Lá se embarca
O joven Rei dos Povos a esperança!
Lá chega! Lá combate! Lá destroça
As Africanas tropas! Negro Fado
Desastroso lhe arranca os verdes louros,
Colhidos pelas mãos de alta victoria!
Maior entre as desgraças, não succumbe,
E por salvar a Regia Magestade,

Com a espada na mão insulta a morte!
Conseguiste, ó Castella, os teus intentos!
O que a força não fez alcança a intriga!
Lá compra o ouro vil honrado ferro!
E doze lustros de oppressões, de magoas,
Esmagão Portugal no jugo alheio!
Condoido o Senhor do Povo amado,
A quem punio duro captiveiro,
Nos Portuguezes peitos lança a chamma
Da honra nacional, e desenvolve
Genio brioso, que jámais abate
A cruenta desgraça embravecida.
As ferrugentas armas penduradas,
Que a molleza dos braços sempre accusão,
Dos cabides se tirão, já se escuta
Nas esféricas mós o som, que affia
Gume libertador da Patria oppressa.
Segredo, honra, dever, se colligárão,
E num dia, p'ra sempre memoravel,
Cahe por terra o fantasma Castelhano.
Lá vem quarto João, (sempre este nome
Grande será nas paginas da Historia)
De seus maiores sobre o Throno augusto
Instado já se assenta. O furioso
Quarto Filippe manda quantas forças
Póde dispór, para arrancar-lhe o ceptro,
Porém Lusos heróes hão de mostrar-lhe,
Que o numero não dá sempre a victoria.
Em repetidas horridas batalhas
Se ganhará p'ra sempre o Throno Luso;
E desta nova raça irão sahindo

Inclitos Reis delicias dos vindouros:
O mesmo que farás, farão teus netos.
Não temas, caro filho, esses combates,
Que te ha de apresentar atroz perfidia;
Vencerás, reinarás, serás chamado
Heroico Defensor do Luso Imperio.

D. João.

Orgão do Ceo, cujos discursos derão
Tal calor a minh' alma, que os trabalhos,
As fadigas da guerra não me assombrão.
Parto a cumprir as ordens que me deste,
Dimanadas de hum Deos em quem confio;
Senhor dos Reis, dos Reinos, da Victoriá,
Quando agrada a seus fins levanta o fraco,
Fazendo o que escolheo sempre invencivel.
Vem meu querido Pai, deixa o retiro
Desta agreste montanha; em meu palacio,
Unido a mim pelos mais doces laços,
Tranquillo viverás, os teus conselhos,
Tão necessarios nesta lucta horrivel,
Me servirão de luminoso facho,
Que em minha fraca mente a luz derrame.

D. Nuno.

Pertence a hum Pai nos lances tormentosos
Os filhos amparar. Se o Ceo revela
Por tua boca a marcha dos successos,
Que o tempo que ha de vir tem ferrolhado
Em cofre impenetravel, que só póde
Abrir a déstra mão de hum Deos potente,

Vem de perto ajudar nossos trabalhos.
Com a tua presença anima as tropas;
No campo da batalha a Deos invoca,
Attrahe com tua voz sempre a victoria.

MONGE.

Não, meus filhos, minh' alma habituada
A' doce solidão, não se accommoda
Ao susurro dos campos, nem deseja
Com os homens tratar; o Ceo sómente
He que entretem as horas vagarosas
Da minha duração. Aqui mais util
Voi serei, supplicando ao Pai Celeste
Bençãos de graça sobre o Reino amado.
Fugi deste lugar, onde a perfidia
Com sacrilego pé veio inquietar-me.
Nos cavados rochedos féro bando
De assassinos crueis já se esconderão,
Que as vossas vidas avidos desejão
Arrancar nestas broncas penedias:
Porém o Ceo que escuda, e que protege
Vossa existencia, vai neste momento
Servir-se do poder da Natureza.
Reparai nessas nuvens, que começão (1)
A escurecer do sol a luz brilhante;
Lá se condensão, bem depressa a terra
Alagada será de chuva immensa,
Que esse proximo rio agora pobre

---

(1) Olhão para o Ceo. O Theatro se vai pouco a pouco escurecendo.

Tornarão caudaloso e formidavel.
Vinde passallo antes desta enchente,
Que á sedenta traição os passos corta;
Quando a salvo estiveres, meigo e brando
O tempo ha de tornar no mesmo dia. (1)

D. João.

Espantosos prodigios me demonstrão
Que esta causa protege hum Deos supremo.

D. Nuno.

A quem elle defende não assustão
Negra conjuração, nem homens fracos. (2)

---

(1) Levantão-se, e vão caminhando. (2) Vão-se. Pouco a pouco escurece o Theatro e se forma huma trovoada horrivel de chuva, rayos, e trovões, e no seu auge se abate o panno.

ACTO V.

SCENA I.

Sala do Conde de Ourem.

Conde de Ourem, e Texeda.

TEXEDA.

Que horrivel trovoada sopportámos
Entre duros rochedos! Só se vião
Ao lugubre clarão do rayo ardente
Não mui longe de nós os precipicios.
As prenhes nuvens negras entornárão
Dos enrolados seios quantas aguas
Podião existir no firmamento.
Confesso ingenuamente, ó caro amigo,
Que mil vezes senti bater no peito
De susto o coração muito agitado.
Nunca em meus dias vi tal tempestade,
Nem em mais breve tempo dissipada.

Conde de Ourem. (1)

Se eu julgasse que Deos protege o crime,
Diria que o traidor não cahe nos laços
Escudado por braço mais que humano.
Até os elementos, conjurados
Contra mim, se oppozerão á vingança
Mais bem tecida e no lugar mais proprio.
Vai-te da minha mão fraco instrumento, (2)
Que sempre inutil torna hum negro fado!
Não se aterrou minh' alma, e só bramia
Por ver que a féra aos laços escapava.

Texeda.

Não se perca o valor, nem se esmoreça.
Vigiemos de perto o monstro horrivel.
No momento talvez menos pensado
Virá cahir nos braços justiceiros,
Para expiar delictos, que offenderão
As leis da successão as mais sagradas.

Conde de Ourem.

Não se affroxa meu odio, nem se abate
O genio vingador, que em mim domina.
Quanto mais vejo oppôr-se a meus intentos
Acasos imprevistos, mais se inflammão
As ardentes paixões, que n' alma abrigo.
A' Rainha, que espera impaciente

---

(1) Com a espada embainhada na mão. (2) Lança-a em terra com furor.

Saber altos successos, vamos dar-lhe
Conta fiel dos passos malogrados.
O' lembrança cruel! Talvez suspeite,
Que o susto e que o temor nos fez cobardes. (1)

SCENA II.

Sala de D. João.

D. João. (2)

Como esconde a perfidia armado braço!
Debaixo de palavras lisongeiras
Quer astuta Rainha affugentar-me
Da capital, aonde o meu aspécto
Lhe inquieta o coração fraco aleivoso.
Por esta Carta Regia me nomea
Governador das armas do Alemtéjo,
Provincia a mais aberta e desprovida
Que o Reino tem, e que de perto opprime
Inimigo fallaz com grandes forças.
A mascara tirou mulher ferina!
Meu saugue está vendido! Quer que eu faça
A meus Irmãos funesta companhia!
Levantemos a voz, que o Ceo me ajuda!
Ao poderoso som da liberdade
O genio bellicoso e sempre honrado
Da Nação Portugueza vai lançar-se

---

(1) Vão-se. (2) Com hum papel na mão.

Sobre o fantasma vil do despotismo!
Que indecente temor me prende o braço!
Esse inimigo perfido, que busca
Por occultas traições tirar-me a vida,
Caia a meus pés, seu sangue detestavel
Lave a injuria do Throno, e mostre aos impios
Que a Justiça revóca o seu imperio.

SCENA III.

D. João, D. Nuno, Alvaro Paes, e Ruy Pereira.

PAES.

SENHOR, não te demores, já começa
Por natural impulso o Povo inquieto
A chamar-te á defensa da ultrajada
Afflicta Patria, escolheo por chefe
O sangue de seus Reis, e quer brioso
Sustentar sobre o campo da batalha
As leis que honrados Pais alli sellárão.
Tomão armas, e clamão por vingança,
Clamão por ti; vem sabio e generoso
Desenvolver os genios bellicosos
Dos filhos da liberta Lusitania.

D. NUNO.

Vem, preclaro João, prestar apoio
A nossos braços; de hum governo justo
Suspirada existencia já proclama.
Tremão os impios, tremão os falsarios,

Que tem manchado a Patria com seus crimes!
Vem servir de terror ás féras hostes,
Que trazem os grilhões para algemar-nos.

RUY PEREIRA.

Por toda a parte o Povo apinhoado
Sabendo da invasão teu nome invoca
Qual Numen tutelar, lançando ás armas
Mãos vigorosas, que tremer não sabem.
Cada hum quer vingar-se das affrontas
Feitas por hum traidor, que tem vendido
O sangue Portuguez, a Patria, o Throno.

D. JOÃO.

Não, esse monstro de feroz perfidia
Tem reservado a colera celeste
A meu braço sómente, a minha espada
He que deve punir grandes delictos
Que de perto me offendem: vou buscallo,
E em qualquer parte que o traidor descubra,
Alli mesmo farei justiça á Patria.
Não póde a vil traição urdir mais crimes!
Até neste papel vem disfarçada!
Com palavras pomposas lisongeiras
Me quer affugentar fallaz Rainha
Para longe da Corte: este decreto
Quiz de vós separar-me, e no Alemtéjo
Fazer-me succumbir á força immensa
Das Castelhanas armas. Hoje mesmo
A guerra se declare. A nova forma
De governo appareça. E vós nas praças

Me acclamareis por Defensor do Reino.
Eu mesmo vou levar esta noticia
A' confusa Rainha, e declarar-lhe
Os votos da Nação; que o meu respeito
A seu Regio caracter lhe assegura
Em qualquer parte commoda existencia,
Com tanto que se ligue ao bem do Estado,
Que a regencia deponha, e vá tranquilla
P'ra onde lhe agradar passar seus dias.
Vamos, amigos, o momento he este
A que o vosso valor me tem chamado.

D. Nuno.

O Ceo assim o quer; e nós faremos
O que devem fazer homens honrados. (1)

---

(1) Vão-se.

SCENA IV.

Sala do Palacio Real.

D. Leonor. (1)

Fugi negros cuidados pavorosos,
Que sem cessar fazeis cruenta guerra
A hum triste coração! Fatal lembrança!
Será possivel que os crueis se esquecão
De que eu sou? Das leis que me auctorizão
Para o Reino reger? Vis facciosos!
Vossas cabeças, donde aereos planos
Impunida traição tem abortado,
Pelo ferro da lei sejão troncadas!
O Povo, que não quer viver submisso
Ao poder mais legal e mais sagrado,
Do vencedor sopporte o jugo austero,
E passe de ser livre a ser escravo!
Com a espada na mão em frente á morte
Entre em Lisboa o genro furibundo,
Nada poupe á vingança, eu cuidadosa
Lhe apontarei os feros conjurados,
Que contra nós da tumida revolta
O facho abrasador tem preparado!
Seja o Mestre de Avís, em quem se fixão
As vistas da Nação, primeiro ensaio

---

(1) Assentada junto a huma meza.

Da severa justiça; o seu supplicio
Aterre os socios seus, sangue odiado
Venha rubra fazer a côr do Téjo!
Cruel desassocego me atormenta!
Onde o Conde de Ourem se esconde ingrato
As minhas vistas? Temo que a perfidia
Contra elle levante armado braço,
Pois já tem de huma justa confiança
Feito a vil detracção horrendo crime!
Tudo espero vingar! Porei meu nome
A par dessas mulheres sanguinarias,
Que fazem o terror d' antiga historia!

SCENA V.

D. Leonor, Conde de Barcellos, e Texeda.

CONDE DE BARCELLOS. (1)

FALTAR aos juramentos sempre he crime;
E querer dominar por lei da força
He proprio dos tyrannos, que não sabem
Buscar dos corações segura estrada.

D. LEONOR. (2)

Que opinião diversa vos desune,
E aos vossos discursos fogo accende?

(1) No fundo do Theatro a Texeda. (2) Reparando nos dois que entrão.

CONDE DE BARCELLOS.

Desculpai-me, Senhora, se inflammado
Em honrado dever soltei mais alto
A minha voz, e muito distrahido
Não vos vi quando entrei na Regia sala.

D. LEONOR.

Tambem aqui entregue a meus pezares
O tempo consumia, e me era dura
A triste solidão; neste momento
Dos amigos a doce companhia
Se torna inda mais grata. Irmão querido,
Meu Texeda fiel, vinde, assentai-vos. (1)
Poderemos saber que origem tinha
A vossa altercação? Os meus cuidados
Em tudo tristes scenas me apresentão.

TEXEDA.

Senhora, bem me custa atormentar-vos,
Porém horrendos males se encadéão,
E depressa a expulsão vai dilatar-se.
Partidos indiscretos, que fumentão
Idéas caprichosas, dilacerão
O triste Portugal. Guerras funestas
Vão cobrir a Nação de pranto e lucto.
Vós victima sereis de hum Povo inquieto,
Brutal e sanguinario quando arranca

---

(1) Assentão-se.

O freio, que ás paixões a lei tem posto.

CONDE DE BARCELLOS.

He na minha presença que te atreves
A insultar a Nação a mais briosa,
Que tem por timbre amor aos Reis e á Patria!
Com essa lingoagem pavorosa
Queres encher de pânicos receios
O peito da Rainha, e declarar-nos
Rebeldes e traidores! Ve, Texeda,
Que o Conde de Barcellos he que escuta
As tuas expressões, e que não soffre
A Nação Portugueza ver manchada.

D. LEONOR.

Meu respeito attendei; vossos discursos
Não devem offender a Magestade.
Reparai, Conde, nos estreitos laços
Que nos ligão, e vede que o caracter
De hum Embaixador sempre he sagrado.

CONDE DE BARCELLOS.

Porém esse caracter nunca pode
Dar direito aos insultos. He na espada
Que existe o meu, quando se ataca a honra.

TEXEDA.

Vós a culpada sois destes ultrages!
Docil condescendi em demorar-me,
Contra as ordens do Rei, por não causar-vos
Violentos desgostos. Porém hoje

Mesmo devo partir! Neste convulso
Agitado paiz tudo se offende.
As leis da successão são disputadas.
Os Funcionarios publicos não gozão
Segurança e respeito. São trocados
Da ordem sociál os proprios nomes.
Chama-se a vil traição dever da honra,
A' cobiça feroz amor da Patria,
A falsas pertenções direitos justos.
De Castella a Rainha, a quem pertence
Este Reino inconstante, venha dar-vos
As provas filiaes de alto respeito.
Na Regencia sereis sempre mantida.
As tropas Castelhanas alimpando
As estradas que infestão revoltosos,
Venhão á Capital sentar no Throno
Do sublime Fernando a Filha augusta.

CONDE DE BARCELLOS.

Não em quanto existirem braços fortes,
Que sabem rebater insano orgulho.
As tropas Castelhanas já conhecem
O gume cortador dos nossos ferros,
E que sempre lhes tem sido funesto
Pisar terreno aonde heróes se crião.
Entre nós a traição traição se chama.
Injustas pertenções, atroz cobiça,
São nomes odiados, que revoltão
Honrados corações, que põe barreiras
Que não pode transpor hum Rei sedento.
As leis fundamentaes do Luso Imperio,

Os tractados de paz, seus juramentos,
Mais que tudo a aggressão, tem destruido
Entre nós e Castella qualquer laço
Que podia prender-nos. Somos livres,
E se eu não respeitasse a casa, o Throno,
O delicado sexo, agora mesmo
Mais energico apoio a meus discursos
Daria confundindo audaz perfidia.

D. Leonor.

Basta, Conde, já tendes entornado
Demasiado fel nesses discursos.
Quanto sou desgraçada! Até meu sangue
Contra mim se revolta! Irmão ingrato!
Tio cruel! Horror da Natureza!
Que pertendeis fazer? Levar a Patria
A' ultima ruina? Declarar-vos
A' face d' universo o mais terrivel
De seus perseguidores? Dar apoio
Contra a propria familia a vis traidores? ...

SCENA VI.

Os ditos, D. Constancia, e D. Violante. (1)

D. CONSTANCIA.

Ah! Senhora, acodi, vosso respeito
Salve o Conde de Ourem, que na vizinha
Sala o Mestre de Avís féro accommette!

D. VIOLANTE. (2)

Já se ouvem retinir os rijos ferros!

D. LEONOR. (3)

Solvemos o melhor de meus vassallos!

CONDE DE BARCELLOS. (4)

Do Reino o Defensor meu braço escude!

---

(1) Entrando com precipitação. (2) Ouve-se dentro tenirem espadas. (3) Levanta-se espavorida, e corre ao bastidor. (4) Faz o mesmo.

SCENA VII.

Os ditos, Conde de Ourem, entrando mortalmente ferido, apoiado na espada, e luctando com as ancias da morte, até que cahe e expira. Após elle o Mestre de Avís, embainhando a espada.

D. LEONOR.

QUE vejo, justo Ceo, o Conde expira!
Que fizeste, cruel, em meu palacio! (1)

D. JOÃO.

Puni hum insolente, que intentava
Com barbara perfidia dar-me a morte.
Minha Patria expurguei de hum monstro horrendo,
Que os lassos membros seus dilacerava.
Vinguei do caro Irmão a cinza fria.
Teu decoro salvei. Fui justiceiro.

D. LEONOR.

E's hum fraco assassino. Profanaste
A casa de teus Reis. O meu respeito
Insultas temerario. A lei severa
Vai teus crimes punir, crimes atrozes!
Meu vassallo fiel, tuas memorias (2)
Comigo hão de descer á sepultura!

---

(1) A D. João. (2) Olhando para o cadaver.

D. João.

Teu caracter sagrado não offende
A minha justa acção; em ti contemplo
A Regente que foi do Reino Luso.

D. Leonor.

Que fui! Pois já não sou! Quem me despoja
Dos direitos que o Throno me entregárão?

D. João.

A Nação, que briosa já não soffre
Por mais tempo a molleza, que detesta
De vosso gabinete atroz conducta,
Que de perto se vê já ultrajada,
Que para defendella em campo aberto
Sob'rana me chamou neste conflicto.

D. Leonor.

Vós, que devieis respeitar do Estado
As providentes leis, sois o primeiro
Que fogoso se atreve a quebrantallas;
Que fascinado de voraz cobiça
Me annunciaes a quéda projectada
De meu justo governo. Em vós só vejo
O chefe de hum partido revoltoso
De criminosos vis. Hoje comece
A punir-se a traição. O' lá Soldados.

Conde de Barcellos.

Nada temas, Senhor, os teus amigos

Com a espada na mão vão sustentar-te.

SCENA VIII.

Os ditos, D. Nuno, Alvaro Paes, e Ruy Pereira.

D. NUNO.

SUBLIME Defensor da mais constante
Virtuosa Nação, do Reino egregio
Fundado por heróes, que nos deixárão
Em herança o valor, vinde alegrar-nos.
Por toda a parte o Povo apinhoado,
Em transportes de jubilo vos chama
A' defensa da Patria, todos querem
Com as armas na mão vingar insultos
Que a soberba commette. Vinde ousado
Com a vossa presença dar impulso
Ao caracter que a honra desenvolve.

D. JOÃO.

A Patria já começa a ser vingada;
Já o sangue traidor correo nas salas,
Aonde se asylava o crime impune.
Vamos alegres estender os braços
Aos caros filhos, declarar a guerra
A' cruenta ambição, e dar á Fama
De sublimes acções heroico assumpto.

D. Leonor.

No meio do tumulto pavoroso
Que me cerca, Senhor, julgo acabadas
Minhas Regias funções, e tambem julgo
Que vos não manchareis no triste sangue
De huma affiicta mulher, que foi Rainha.
Se inda posso gozar da liberdade,
Permitti que me ausente onde não veja
Novas scenas de horror. Longe da Corte
Quero acabar meus dias, sepultada
No cento d' amargura e dos pezares.

D. João.

Vosso decoro, as duras circumstancias
A que somos ligados tanto exigem.
Livremente podeis já retirar-vos
Onde vos agradar; por toda a parte
Sereis seguida do fiel respeito
Devido á Magestade: este o caracter
Da Nação Portugueza. He sobre o campo
Que vamos disputar nossos direitos.
Confiados no Ceo, nessas promessas,
Que dérão a victoria ao Grande Affonso,
Havemos repellir em toda a idade
Atrozes invasões com braços fortes.

F I M.